Este livro pertence a:

CARTAS A UM/A PROFESSOR/A

desejos, receios e questionamentos

editora UDESC

JULHO DE 2023

Revisão
Janete Maria Gheller

Capa/Projeto Gráfico/Diagramação
Isadora Matiello Noal

C322 Cartas a um/a professor/a: desejos, receios e questionamentos / Tharciana Goulart da Silva e Ligia Cristina de Brito. - Florianópolis: Editora Udesc, 2023.
111 p.

ISBN-e: 978-65-88565-76-6

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. 3. Cartas. I. Silva, Tharciana Goulart da. II. Brito, Ligia Cristina de.

CDD: 707 - 23. ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Letícia Lazzari CRB 14/1371
Biblioteca Central da UDESC

Cartas a um/a professor/a

desejos, receios e questionamentos

Universidade do Estado de Santa Catarina -Udesc

Dilmar Baretta
Reitor

Luiz Antonio Ferreira Coelho
Vice-Reitor

Mariana Fidelis Vieira da Rosa
Pró-Reitora de Administração

Alex Onacli Moreira Fabrin
Pró-Reitor de Planejamento

Gabriela Botelho Mager
Pró-Reitora de Ensino

Alfredo Balduíno Santos
Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Comunidade

Letícia Sequinatto
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Editora Udesc - Conselho Editorial

Luiza da Silva Kleinubing (Presidente)
Marcelo Gomes Cardoso (Secretário)

CAV
Veraldo Liesenberg (Titular)
Roseli Lopes da Costa Bortoluzzi (Suplente)
CCT
Gilmario Barbosa Dos Santos (Titular)
Regina Helena Munhoz (Suplente)
CEAD
Carmen Maria Cipriani Pandini (Titular)
Tania Regina da Rocha Unglaub (Suplente)
CEART
Giselle Schmidt Alves Diaz Merino (Titular)
Milton de Andrade Leal Junior (Suplente)
CEAVI
Rogério Simões (Titular)
Iraci Leitzke (Suplente)
CEFID
Caroline Ruschel (Titular)
Carla Garcia Hostalacio Barros (Suplente)

CEO
Denise Antunes de Azambuja Zocche (Titular)
Rosana Amora Ascari (Suplente)
CEPLAN
Delcio Pereira (Titular)
Fernanda Hansch Beuren (Suplente)
CERES
Danielle Rocha Benicio (Titular)
Carolina Stolf Silveira (Suplente)
CESFI
Luiz Filipe Goldfeder Reinecke (Titular)
Alexandre Magno de Paula Dias (Suplente)
ESAG
Leonardo Secchi (Titular)
Fabiano Maury Raupp (Suplente)
FAED
Fernando Coelho (Titular)
Luciana Rossato (Suplente)

EDITORA UDESC
Fone: (48) 3664-8100
E-mail: editora@udesc.br
http://www.udesc.br/editorauniversitaria

GRUPO DE PESQUISA
ENTRE PAISAGENS

Este livro pertence a:

CARTAS A UM/A PROFESSOR/A

desejos, receios e questionamentos

Tharciana Goulart da Silva
Ligia Cristina de Brito
(Orgs.)

Prefácio

De: Fábio Wosniak

Para: Tharciana Ligia

Para Tharciana e Ligia.

Queridas,

Recebi este convite com muita alegria, mas confesso que esses dias quentes me fizeram adiar um pouco a escrita desta carta. Não exclusivamente os dias quentes, mas tudo que tem nos assolado com a continuidade do medo deste vírus que insiste em permanecer e atropelar nossas rotinas.

O projeto realizado na disciplina de História e Teorias do Ensino de Arte (UDESC) por Tharciana e Ligia se apresenta em um momento oportuno. Precisamos, sim, pensar/praticar outras maneiras de docência. É no nosso exercício cotidiano que vamos nos dando conta de como a Arte é cada vez mais necessária no âmbito da Educação. Pois, ela (a Arte) nos movimenta a pensar soluções mais criativas e inteligentes para atuar no mundo.

Quando andarilhei pelo esboço do livro, fiquei pensando no quanto o ato de escrever nos permite refletir, não apenas pela prática de ser/estar docente em Artes Visuais, mas no quanto este exercício nos permite pensar sobre nós mesmos e como tudo isso pode repercutir nas nossas noções de Arte, Educação e na Vida. Precisamos articular Arte e Vida, assim como Educação e Vida!

Como nos ensina bell hooks, este livro que tento prefaciar me pareceu uma maneira de erguemos as nossas vozes: polissêmicas, polimorfas – assumir nossas existências e provocar encontros que são ao mesmo tempo silenciosos e ruidosos.

Uma curiosidade me invade e pretendo compartilhá-la com vocês. Talvez possamos, juntos, encontrar um caminho para sanar este desejo: como serão recebidas estas cartas pelos leitores? Que caminhos serão percorridos após estas leituras? O que será provocado na prática docente? São desejos de um Artista Professor ansioso por algumas mudanças.

Acredito que este trabalho alcança e reafirma o lugar da Arte como conhecimento, onde a prática artista e a prática docente causam fricções ao ponto de encaminhar os debates para a articulação entre esses dois fazeres... É o que temos buscado durante estes anos de pesquisas.

Superada a busca de respostas absolutas, acredito que fica diálogo, provocações, encaminhamentos e propostas inteligentes e reflexivas. São esses os encaminhamentos de um Professor/a Artista. Produzir cartas é projetar esse vazio existencial em algum lugar; entre papel e escrita surge um registro, encharcado de emoções, anseios, saudades, curiosidades.

Preciso finalizar esta breve carta; outros afazeres me convocam. Gostaria de poder estar com vocês em breve. Antes o vírus; agora, uma certa distância geográfica nos separa. Entendo o trabalho de vocês como algo que vai além de um projeto docente. Vejo um projeto de vida, em que a Arte e a Educação vibram mais do que lado a lado. Talvez tudo isso seja uma única coisa.

Fábio Wosniak
Macapá, outono de 2022.

Apresentação

Esta publicação nasce como desdobramento de um projeto desenvolvido na disciplina de História e Teorias do Ensino de Arte do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC[1]. O projeto intitulado **Cartas a um/a professor/a: desejos, receios e questionamentos**, realizado no primeiro semestre de 2021 com estudantes da primeira fase, teve como objetivo gerar diálogo reflexivo entre graduandos/as no início de seu percurso na docência e professores/as já no exercício da profissão. Esse intercâmbio se deu por meio da troca de cartas que mobilizaram percepções, expectativas e vivências em torno da docência em arte.

Por conta da pandemia da Covid-19, as aulas na universidade neste período ocorreram de modo remoto. Assim, esses/as estudantes e nós, professora e monitora da disciplina, nos conhecemos apenas de forma on-line. O incômodo em saber que estes/as estudantes de primeira fase não puderam conhecer o espaço físico da universidade e estabelecer de forma presencial as trocas (tão preciosas) com seus colegas de turma e professores/as demandou a criação de proposições adaptadas às possibilidades desse contexto. Neste sentido, um dos objetivos do projeto foi possibilitar que pudessem se conhecer (com a leitura coletiva das cartas em sala de aula) e conhecer outros profissionais, bem como abordar na escrita da carta suas inquietudes e dúvidas através do desenvolvimento de questões direcionadas aos professores/as correspondentes sobre o campo de conhecimento que estavam adentrando.

Escrever cartas não é uma prática que faz parte do nosso cotidiano. O meio digital nos possibilita respostas rápidas, e os aplicativos denunciam se visualizamos ou não as mensagens. O tempo da escrita de uma carta é outro. Escrevemos, relemos, apagamos, amassamos o papel (ou deletamos o texto), jogamos fora e retomamos. Foi nesse espaço de tempo de reflexão da escrita e espera de resposta que o projeto orbitou.

[1] Disciplina ministrada de modo remoto durante o primeiro semestre de 2021.

As cartas são respostas criativas que surgem da necessidade de pôr a palavra em curso. De tempos em tempos, as Artes Visuais se servem dessa modalidade para desviar de ameaças invisíveis. Se na ditadura a arte postal buscou ludibriar a censura, na pandemia a escrita das cartas e seu envio por e-mail teve o objetivo de burlar um vírus microscópico. Nem por isso deixam de ser cartas, já que o que as define como tal é a expressão da intimidade (que se manifestou aqui na construção de narrativas docentes) e de se instigar a conhecer e perseguir a realização de desejos dentro daquilo que possibilita o contexto em que cada um se vê inserido. Um projeto de tal abertura criou um espaço de práticas poéticas na docência. O único critério foi escrever para um professor/a de artes visuais atuante na Educação Básica. A escrita de uma carta envolve, além de outro tempo-relógio, outro tom. O que transbordou nas cartas não foi uma estrutura acadêmica de texto, mas um espaço para questões por vezes íntimas e urgentes, trazendo à tona a singularidade desses sujeitos.

Em uma disciplina de caráter teórico, como História e Teorias do Ensino de Arte, olhar para a história do ensino de artes visuais através de correspondências foi um modo de dialogar com o que já se exercitava e estudava em sala de aula. Esses escritos, em seu conjunto, configuram um valioso registro, um apanhado de evidências e um testemunho deste momento histórico. Proporcionam uma via de acesso ao contínuo e contraditório processo de construção do que se entende por Ensino de Arte no Brasil, revelado em vivências particulares que interpretam o passado e impressões sobre o atribulado momento presente, que, mais do que nos dar respostas, interpela-nos.

O processo de leitura das cartas oferece visões diversas, algumas mais poéticas, outras mais literais – um potente quebra-cabeças, que permite também notar desejos comuns. Os escritos dos/as estudantes da disciplina manifestam a preocupação em criar conexões com os/as alunos/as e conciliar a vida de professor/a e artista. Os/as professores/as atuantes deixaram transparecer em seus escritos como construíram suas formações, quais são suas concepções sobre o ensino e a aprendizagem, bem como os modos como pensam a docência. Assim, encontramos um apanhado de perspectivas e trajetos que revelam as diferenças possíveis em ser professor/a, o que nos afirma que a docência não envolve um modelo ou forma, ela é movente.

Ao longo do livro, optamos por manter o formato original de diagramação das cartas, pois acreditamos que essas características de formatação também revelam questões importantes sobre aqueles que as escrevem. Houve cartas em que os/as participantes optaram por não revelar sua identidade, por isso alguns destinatários e remetentes são identificados apenas por iniciais de seus nomes.

A leitura do livro desperta, em quem se dispõe a fazê-la, um prazeroso processo de rememoração das vivências do período da escola. Seja pela lembrança das proposições mais marcantes na vida escolar, dos/as professores/as inspiradores/as pela postura em sala de aula (alguns deles escolhidos como correspondentes) ou dos primeiros processos de mergulho na arte, as cartas trazem à tona aquilo que os trouxe ao curso de Artes Visuais – o processo de apaixonamento pela arte educação.

O grupo [entre] paisagens[2], que acolheu esta produção, permeia o lugar que buscamos no exercício deste projeto: um espaço entre o ensino e os processos artísticos – um modo de pensar a teoria por meio da arte.

Foi por perceber a potência do adensamento provocado aos encontros que tivemos no curso, tendo sido multiplicadas as vozes em sala de aula pelos/as professores/as correspondentes, que decidimos fazer reverberar essas vozes ainda mais longe. Por meio desta publicação, desejamos tornar o conteúdo disponível ao público, sejam interessados/as em processos de ensino e pesquisa em arte, professores/as, alunos/as ou curiosos/as.

De maneira simultaneamente íntima e coletiva, em tempos de intolerância e pandemia, a poética de declarações de comprometimento nos traz esperança crítica em maneiras de construir a educação em arte no Brasil.

Esta ação de professores/as, de juntar vozes, é um aceite ao desafio de buscar meios que permitam ajustar nossas lutas cotidianas aos limites do humano.

Tharciana Goulart da Silva
Ligia Cristina de Brito
Janeiro de 2022

[2] Para mais informações sobre o grupo acessar https://entrepaisagens.wixsite.com/projetodepesquisa.

Sumário

De Giovana Tartas para Gerson Witte
De Gerson Witte para Giovana Tartas 14

De Ananda Guimarães Alcântara
para Janaina Schvambach
De Janaina Schvambach
para Ananda Guimarães Alcântara 24

De Renata Gordo para Fabio Luis
De Fabio Luis para Renata Gordo 28

De Jonathan Belusso para Bruno Bachmann
De Bruno Bachmann para Jonathan Belusso 40

De Luana Gonçalves Santana
para Solange da Silva Figueira
De Solange da Silva Figueira
para Luana Gonçalves 48

De T. S. para L.H.
De L.H. para T.S. 56

64 De Julie Silva para D.M.R.
De D.M.R. para Julie Silva

72 De Mônica da Silva Pedrini
para Natalia Mendel Fabris
De Natalia Mendel Fabris
para Mônica da Silva Pedrini

76 De Eschley Ferreira para Priscila Anversa
De Priscila Anversa para Eschley Ferreira

88 De Carolina Daudt Stein para Janaína Corá
De Janaína Corá para Carolina Daudt Stein

96 De D.D. para V.L.
De V.L. para D.D.

104 De Léo Budziarek Eslabão

108 De Carolina Benke Bandeira

DE: Giovana Tartas

PARA: Gerson Witte

DE: Gerson Witte

PARA: Giovana Tartas

Giovana Tartas, estudante de Licenciatura em Artes Visuais, radicada em Chapecó-SC.

Gerson Witte, um professor artista do Contestado, radicado em Chapecó - SC.

Chapecó, 6 de agosto de 2021.

Olá,Prof.Gerson. Como vai?

Como você já sabe, estou no primeiro semestre de Licenciatura em Artes Visuais na Udesc. Esta carta que estou te enviando faz parte de um dos trabalhos da disciplina de História e Teorias do Ensino de Arte. Quando esse trabalho nos foi proposto, você foi o primeiro professor que me veio à mente. Escolhi você, pois é umas das pessoas que mais me incentivou e me incentiva a seguir por esse caminho. Ao longo dessas linhas gostaria de te perguntar algumas coisas.

Ao escrever para ti, me recordo de todos os horários extra-classe que passamos a conversar sobre arte. Na época eu ainda não tinha total certeza de que era isso que eu gostaria de cursar, por “N” motivos e medos. Com certeza sua contribuição para me encontrar na minha "arcádia" foi fundamental.

Daqui a uns tempos precisarei me mudar para um “mundo novo”. Eu sei que você falou que Curitiba combinava mais comigo, porém às vezes o coração fala mais alto, e apesar de me sentir um pouco perdida e receosa nessa escolha de ir para a Ilha da Magia, no fundo sinto que é o certo. Espero ter energia e estar pronta para as prováveis dificuldades que surgirão nesse período.

Eu fico pensando sobre as pessoas que tenho como inspiração (você é uma delas) e os motivos que me fizeram escolher esse curso. Por isso gostaria de saber: Quais foram as suas inspirações quando escolheu cursar artes? O que te motivou naquele tempo?

Acredito que uma das coisas que mais reflito é se futuramente me sentirei realizada com essa profissão, pois agora no início é tudo tão incerto. Eu já sinto uma felicidade enorme só por estar na faculdade, eu sinto que realmente me encontrei nesse curso, mas

quando comecei a estudar pedagogia, essa parte fundamental da licenciatura, e a situação da educação no Brasil, foi impossível não ficar assustada. Mesmo com todas essas dificuldades você se sente realizado em ser um professor? Embora eu saiba que não exista uma fórmula mágica, mas teria algum conselho de como superar as frustrações que irão aparecer pelo caminho nessa profissão?

Sinto-me em uma fase em que a maior parte do que tenho produzido tem sido em função da faculdade ou encomendas de trabalhos. Nós já conversamos sobre isso, e entendo que é necessário estudar e praticar muito até encontrar minha identidade visual, mas como professor artista, qual foi o seu processo para descobrir sua própria identidade visual? Além disso, como conciliar a produção do seu trabalho artístico com o magistério?

E por fim, mas não menos importante, que conselho daria para essa estudante da primeira fase de Licenciatura em Artes Visuais?
Espero que possa replicar todas as perguntas, se sinta livre para responder como achar necessário. Eu quero que saiba de sua importância na minha história. Desde aquela primeira aula de artes no IFSC há 5 anos, até hoje, quando envio pelo Whats os trabalhos que venho desenvolvendo.

Agradeço cada ensinamento e conselhos recebidos ao longo desses anos e desde de já muito obrigada!

Um abraço ;)

Giovana Tartas

1 / 1

Carta para Aluna de Arte

Saudações, cara amiga.

Respondendo à primeira pergunta de sua carta, estou mais ou menos! Passei recentemente por uma cirurgia, o que é menos, porém evitará problemas futuros, o que é mais.

Obrigado pela escolha para colaborar na sua pesquisa de História e Teorias de Ensino da Arte. Lembro que foi uma escolha sua e, dito isso, que a responsabilidade do que acontecerá é sua.

Quando você comenta sobre suas dúvidas sobre cursar o curso de licenciatura de Artes Visuais, vejo que teve a sorte de poder conversar com um profissional antes de tomar sua decisão. Este ato poucos fazem, preferindo seguir o senso comum ao invés de procurar informações. Sempre nos falam que devemos escolher uma carreira com o coração, sem explicarem que o coração é o que nos faz prosseguir, mesmo sabendo de todas as dificuldades do caminho.

Redundância circular ovalada ~~rotunda~~ ...

Neste sentido, busquei ser o mais sincero sobre a carreira. Vendo por esta perspectiva, você não teve sorte, teve competência.

Por falar nisso, vamos falar sobre o coração...

Megalife

/ /

Eu tive algumas barreiras em minha trajetória, causadas por situações que estavam fora do meu controle (geralmente é o que acontece). Eu era um jovem desenhista que foi fazer um curso em que não me encaixava de nenhuma forma. Era jovem em uma turma em que poucos eram. Era desenhista em uma turma que buscava a licenciatura. Era homem em uma turma apenas exclusivamente de mulheres! (eu era o responsável pelo quase).

Não tinha muitas pessoas com quem conversar, nem estava no lugar que eu queria.

Creio que por isso que insisti tanto em que você escolhesse um lugar do coração; não busque feijões bonitos ou praias, mas pessoas com as quais possa conversar sobre Arte, produzir juntas e se apoiarem. Se é na ilha da Magia que encontrou um lugar assim, siga a feitiçaria...

Você comentou sobre as dificuldades de seguir uma licenciatura neste momento da história. É terrível mas sempre foi assim... eu tive aula de Arte na ditadura militar...

Megalife
Digitalizado com CamScanner

Para você entender como sempre foi difícil ser professor de Arte no Brasil, tenho a ajuda desta disciplina que você está cursando. Ela é basicamente o entendimento do que foi necessário fazer, em cada época, a cada desafio. O que os professores no passado fizeram pode lhe dar indicativos para quando for sua vez. Se vale a pena? Vale, porque eles conseguiram e você também vai.

Você me pediu quais são minhas inspirações... E vou confessar que eu me tornei um professor de Educação Artística bem pouco inspirado. Me formei em 1994, ainda sob a forma tecnicista do Ensino da Arte. Fui trabalhar em uma escola sem gostar do que estava fazendo, mas conseguindo um emprego em um momento em que estava precisando muito. Queria ser artista, mas como professor tinha salário.

Megalife

Você falou de incerteza sobre o futuro... Imagine que 3 anos após formado, mudou a lei e a licenciatura de Ed. Artística deixou de existir. O diploma existia mas não valeria mais, porque passaria a ser Artes nas escolas. Será que não valeu para nada, porque tive que fazer outro curso?

Isso ajuda a responder outra pergunta, porque nas ~~Artes~~ Ed. Artística que tive aula com uma grande inspiração no meu trabalho como professor: Noemi Kellerman. Ela era prof. da FURB e viajava a Caçador para as aulas, levando adoráveis histórias, ensinando com firmeza mas tranquilidade, disciplina com compreensão, encantando mais do que enfiando informações. Ela foi a maior responsável por destruir, obliterar qualquer preconceito que eu pudesse ter pela profissão e por questões raciais, pelo simples fato daquela mulher, de alta cultura e de uma nobreza admirável, era negra.

Qualquer ideia, bem comum na época, sobre superioridade de pessoas caucasianas, ruiram frente ao conhecimento que ela me trouxe. Nos últimos anos tentei vários contatos, mas jamais pude agradecer a ela por tudo que me libertou...

Magalifé

1 1

Para finalizar, responderei as questões sobre o futuro, de, no caso, seus futuros alunos. Em uma palestra com a Miriam Celeste Martins (se não conhece, escutará ainda bastante sobre ela), ela foi questionada sobre o que seria sucesso no trabalho como professor de Arte, em quantos alunos seria necessário ensinar para que o trabalho valesse a pena. Miriam deu a resposta perfeita: Um.

Se apenas um aluno tiver a vida modificada para melhor por causa da Arte, tudo o que você estudou e trabalhou valeu a pena.

Recentemente comecei a pensar em qual seria o momento em que devemos desistir de um estudante. Qual é o instante que devemos parar de dar chances e de ajudar um aluno, após tantas e tantas oportunidades perdidas e decepções... Pensei, pensei e não consegui achar este momento. Não significa ser conivente com o erro e permissivo com comportamentos indesejados, mas sempre estar disposta a ajudar, se e quando o estudante pedir.

Você aprenderá muitas e muitas coisas, técnicas, habilidades, mas não usará tudo quando for professora. Não significa que ensinará tudo aos seus alunos, o que pode parecer um engano.

Longe disso, porque o que seus professores

Megalife

vão lhe proporcionar são opções para você montar seus planos de ensino. Cada escola é diferente, cada turma é diferente, cada ano é diferente, cada aluno é diferente em diferentes anos em diferentes escolas! Saber bastante lhe ajudará a ter a estratégia correta para cada situação.

Algumas exortações:

→ Arte não é ciência, não tente achar seu valor na sua utilidade, porque vai perder. Ache o valor e mostre a sua necessidade para a formação da cidadania.

→ Arte nas escolas não é entretenimento. Poucas atividades humanas exigem tanta disciplina e dedicação.

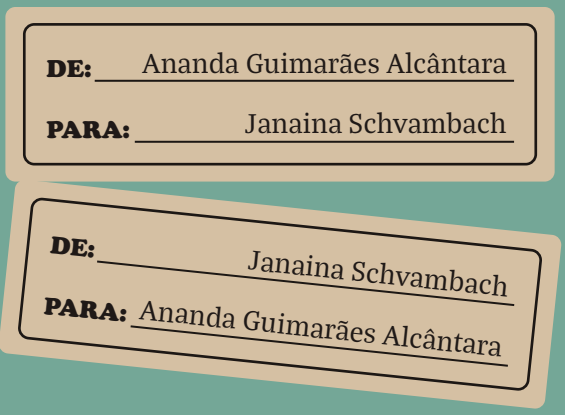
→ Arte não é lista de artistas com suas obras. Não adianta saber tudo de Van Gogh sem perceber que os girassóis estão murchos.

→ Arte é encantamento. Encante seus alunos com seu sorriso e mostre que eles também podem acessar este poder maravilhoso.

Orgulho de você.

Gerson Wille. Chapecó - SC.

Megalife



Ananda Guimarães Alcântara, aluna de Artes visuais, nascida e criada em Florianópolis/SC.

Janaina Schvambach, professora doutora em Artes Visuais e artista visual, catarinense radicada em Lajeado/RS.

02 de Agosto de 2021.

Prezada Professora,

Me chamo Ananda Guimarães Alcântara, tenho 18 anos e sou aluna da primeira fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura na Udesc. Sendo bem sincera com você, até ano passado ser professora não estava nos meus planos, eu lembro que cresci dizendo que nunca teria essa profissão, mas todos os caminhos me trouxeram aqui. Eu já quis cursar cinema e também já quis cursar jornalismo, mas ano passado eu comecei a pensar nas artes como algo além de um "passatempo". Mas por que artes? Desde pequena, a arte tem sido muito presente na minha vida, meu pai desenhava bastante, e acho que de uma forma ou outra fui influenciada por ele. Além de uma forma de expressão, eu vejo as artes como um refúgio, sempre que eu me sinto mal eu encontro certo conforto nela. Você se lembra o que lhe motivou a entrar no mundo das artes? Pelo que você passou antes de entrar nessa profissão?

Apesar de eu ter consciência de que estou em uma faculdade para me tornar professora, apesar de eu ter feito essa escolha, eu ainda tenho muitos receios em relação ao futuro. Você se sentiu assim quando começou a estudar? Quais eram suas expectativas? O que lhe afligia? Suponho que pensar no futuro me dá um pouco de medo. Ser professor é uma grande responsabilidade, não? Acho que com esse dever que o professor tem de transmitir o conteúdo de uma maneira que agrade a todos, uma grande responsabilidade é acarretada ao seu trabalho. Como você realiza essa abordagem de conteúdo em sala de aula? O meu maior desejo como educadora será transmitir o conteúdo de uma maneira que mostre aos alunos que estudar artes é sim interessante e, acima de tudo, também é importante, e penso que a maneira como o conteúdo é abordado tem muito a ver com esses resultados.

Não vou me alongar muito mais, porém adoraria que você compartilhasse alguns pontos que você acha que marcaram sua trajetória como educadora, se você quiser, claro. Além disso, levando em consideração que eu ainda tenho um longo caminho para trilhar no mundo acadêmico, você tem algo para me dizer que você queria que tivessem lhe dito quando você ainda estudava? Por último, quero lhe dizer muito obrigada por concordar em participar deste projeto, tirando um tempo do seu dia para responder essa carta.

Com meus melhores cumprimentos,
Ananda Guimarães Alcântara

Lajeado, 15 de agosto de 2021.

Querida Ananda,

Após a leitura da sua carta, confesso que me identifiquei muito, pois eu também não imaginava que seria professora e veja só, estou trilhando esse caminho há 13 anos. De 2008 a 2018 ministrei aulas apenas no ensino superior, mas coordenava o PIBID na instituição em que trabalhava. Porém, dar aulas no Ensino Médio só aconteceu após ser efetivada num concurso público em 2018.

Muitas das minhas angústias e dúvidas relatei na minha tese, **'Ensaio sobre as nuvens: a fotografia entre narrativas de uma professora/artista'**, defendida no ano de 2020 pela mesma universidade que você estuda. Na tese, relato: "a estrada do ensino da arte começou a se delinear após a adolescência. Confesso que resisti fortemente por um bom tempo à ideia de ensinar, pois, realmente não me encantava; porém, a fotografia, ela sim, era minha grande casa. Aos poucos, inspirada por mestres que viviam o ensino da arte em suas veias, acabei me transformando numa ferrenha defensora desse campo, sendo que o que sempre me apoiou nessa caminhada foi a fotografia. Por meio dela, conciliei o ensino da arte com meu olhar encantado pelo cotidiano" (Schvambach, p. 16, 2020). O que digo nesse pequeno trecho é que só me tornei professora por causa da fotografia, e esse despertar se deu logo após me tornar monitora do laboratório fotográfico enquanto era aluna na universidade. Depois dessa experiência, nunca mais deixei a docência.

Não foi a arte em si o ponto gerador de potência em minha prática enquanto professora e artista, mas sim, a fotografia, com ela consegui forças para encarar as dificuldades e estranhamentos que só o caminho da docência cria e/ou provoca. A arte atravessou esse caminho o tempo todo, mas foi a fotografia, com seu poder de registrar a luz, que gerou as forças de que necessitava para me tornar professora. "A trajetória da docência começou antes do processo de ser artista, mesmo produzindo imagens, negligenciava o potencial que a fotografia exercia em minha vida. Ser professora era inicialmente uma forma de subsistência, mal sabia que essa profissão já estava germinada, precisando apenas ser regada. Ao me tornar professora de fotografia, pude aprender/ensinar impulsionada pelo fascínio que a fotografia provoca em mim." [continua...]

Não cabe aqui relatar todas as narrativas construídas e contadas na minha pesquisa, mas saiba que suas angústias e medos fazem parte do caminho que você está construindo, das marcas que estão sendo formadas, das vivências e experiências que surgem nessa estrada que possui como mapa, linhas de incerte-

zas. Incertezas em ser professora num mundo que cada vez mais negligencia o ensino da arte. Incertezas sobre sua formação, pois esta, geralmente, não garante um emprego bem remunerado. Incertezas dentro da própria prática enquanto professora e, também, enquanto artista. O que mais temos nessa trajetória, que se reconstrói todos os dias, é um caminho movediço e inconstante e, para isso, como sempre digo, essa viagem é para quem tem coragem...

Percebo que um dos seus maiores medos é a insegurança em 'cativar' o estudante, em 'transmitir os conteúdos', porém, felizmente essa responsabilidade não nos compete diretamente. Por que digo isso? Por que ensinar é uma estrada de mão dupla, o outro é tão importante quanto o conteúdo e o meu SER professora também. Se eu pudesse lhe dar um conselho, diria: encontre sua professoralidade, sua marca e com ela construa sua trajetória, ciente e consciente que o caminho não tem ponto de chegada, são apenas as andanças.

Estar presente é estar viva e atenta ao mundo e assim perceber as fragilidades que o ensino provoca a todo o momento. Os conteúdos são apenas os balizadores, a troca e conexão com os estudantes é muito mais rica, e é nessas brechas que o sistema proporciona, que encontramos nossos saberes que se convertem em fazeres ou vice-versa. A sala de aula é viva e como tudo nessa vida, não temos o controle de nada. Por isso, Ananda, desapega. Deixa fluir a professoralidade que está aí dentro de você, ela só precisa vir à tona, emergir à superfície. Talvez demore anos para isso acontecer, talvez você encontre outras formas de te fazer SER professora, mas nunca se esqueça, é o caminho que faz valer a pena.

Com carinho,
Janaina Schvambach

DE: Renata Gordo

PARA: Fabio Luis

DE: Fabio Luis

PARA: Renata Gordo

Renata Gordo, em busca de uma educação popular e sem fronteiras, na e da América Latina.

Fabio Luis, todo espaço pode ser ateliê, todo ateliê pode ser uma escola. Inventando possibilidades na Ilha de Desterro - SC.

Fábio querido, que bom poder escrever essa carta. Mas como a gente pode começar uma carta para um desconhecido? O “oi!” me parece pouco, o “olá!” imprime uma distância impossível de se medir. Enquanto escrevo, de certa forma imagino e é justamente o que eu gosto na carta, a possibilidade de me transportar nesse objeto tão antigo que é o papel e que em seu percurso testemunha secretamente rostos e suas infinitas expressões. A cada linha que se desenha, vou construindo, junto às palavras, uma composição de imagens/cenas. Pequenos fragmentos fictícios que fazem meu olho brilhar. Como é bom a gente se colocar nas coisas. Bom, meu nome é Renata e parece que o nome já carrega uma imagem, não vou dizer minha idade, não por vaidade, porque gosto da minha idade, não digo, porque não quero que você imagine alguém de um tempo específico, a imagem de uma geração. Gosto de ser do hoje, de pensar junto com o agora, com que me atravessa, o que passa e por onde eu passo também.

Imagino você recebendo a carta, mas só consigo imaginar mãos, olhos... todas as imagens que me atravessam são de detalhes que eu vou criando a cada palavra. Gosto de fazer essa composição, ou esses minifilmes. Até que ponto eu vou conseguir colocar o que eu sinto/penso/vejo com sinceridade? Não sei... mas vou tentar.

Começo escrevendo sobre o que é educação pra mim, algo que construí com tempo e com esse gosto em observar. Pra mim a educação é esse ato de nutrir, criar, cultivar... é essa possibilidade de construir futuros mais confluentes, mais diversos. Você pensa nisso? O que é educação pra você? Ou esse é o tipo de reflexão de quem não é professor?

Eu te confesso, nunca quis ser professora. Me assustava, e ainda me assusta, pensar que eu preciso dominar um conteúdo. A própria ideia de dominar já me afasta, não quero dominar nada, nem ninguém.. A imagem que me inunda é estar em plongée, sabe? Olhando para o tudo de determinada coisa como se aquilo fosse menor do que eu. O dominar tem essa imagem de olhar de cima o todo... e conteúdo então? É aquilo que está circunscrito, dentro disso que você vê de cima.... e a palavra disciplina? Não quero comentar sobre isso. É nessa hora que eu penso, será que eu quero mesmo ser professora? E essa é uma pergunta que faço pra você... o que te fez decidir ser professor? Fico pensando nisso, porque ao mesmo tempo que você precisa cumprir certas regras estabelecidas pelas Leis, existe um certo tipo de expectativa/cobrança do aluno em relação a esse lugar de professor. Tem algum jeito de escapar disso?

Sempre vi a potência da escola, mas nunca vivi essa potência enquanto aluna. Depois de um tempo já afastada da escola, entrei em contato com outras pedagogias, com práticas criativas, pulsantes, de onde brotam pessoas que cultivam... mas sempre achei essas práticas elitistas, sabe? Quem em sua maioria acessa esses tipos de pedagogia? Sei que existem escolas públicas com projetos não hegemônicos, ainda assim, é poeirinha pequena na fumaça da indústria educacional. Dou esse nome, porque a escola, de um modo generalista, acaba sendo um espaço de manutenção da produtividade capitalista, não é? E você se identifica com qual tipo de pedagogia?

Quero falar também de coisas que fazem a gente imaginar futuros possíveis, sonhos bons, utopias... Daí vem a vontade de te dizer o porquê eu mudei de ideia e passei a ter vontade de ser professora, afinal estou na licenciatura em artes visuais. No meu sonho, no que eu imagino hoje, ser professora é minha única possibilidade de atuação anticapitalista, o jeito que enxergo para a existência de um futuro possível para mim, para a minha filha e não só pra gente. A arte é também, pra mim, a única opção. Então decidi: professora de artes. Fiquei com vontade de saber como você vê a arte, você tem vontade de dizer/escrever?

É claro que tenho mais mil dúvidas agora que estou fazendo a licenciatura, mas será que há algum momento que não existam dúvidas? Quando você decidiu ser professor, você lembra quais eram suas dúvidas?

Eu estudei em escola pública e também em escola particular na educação básica. Passei por uma universidade particular e estou passando pela terceira universidade pública. Posso dizer que tenho uma vasta experiência como aluna, rs. Trabalhei anos no Ensino à Distância na UFSC e isso me deu experiência do ponto de vista do profissional dentro de uma instituição de ensino e outra relação com o corpo técnico e especializado da universidade. Agora tenho também a vivência de ser mãe de uma aluna e isso é um outro olhar para a instituição, para o professor. Enfim... sigo insatisfeita com a escola, com a universidade e todo o espaço que acaba sendo institucionalizador do padrão universal. Tenho muita vontade de troca, de aprender junto, de olhar para as coisas. Nessas passagens todas pelos espaços educacionais que eu citei, sigo percebendo a manutenção de um pensamento hegemônico, e as divergências acabam emudecidas por um certo corporativismo. Você vê isso nas suas experiências na escola?

Falo isso, porque a minha vontade é ser uma educadora popular, estar em outros espaços e tratar o conteúdo hegemônico de uma perspectiva composicional, poética e não linear. Se essa é a solução para a educação ou para o ensino da arte? Com certeza não. Sei que o capitalismo e o pensamento hegemônico têm sido os grandes mantenedores de violências sistêmicas e quem sai ganhando é sempre o mesmo sujeito. Mas eu preciso sonhar, imaginar, para que esse futuro possa existir em outro tempo.

Tentei te mostrar um pouco do que compõe o que eu sinto, penso, vejo e imagino sobre educação, sobre escola e sobre a docência e teria mais mil perguntas pra te fazer!

Por fim, gostaria de saber um pouco sobre as suas reflexões e angústias sobre a docência, principalmente por você estar dentro da escola. Sei que o tempo de resposta é curto, por isso fique muito à vontade para escrever da forma que conseguir nesse momento. Obrigada por aceitar fazer parte desse trabalho de correspondência!

Abraços grandes

Renata

Florianópolis, 23 de agosto de 2021.

Olá, Renata!

Te escrevo esperando e desejando que estejas bem e com muita saúde.

Primeiro gostaria de te agradecer, tua carta me proporcionou momentos muito singulares de reflexão durante toda leitura. Você se expressa de uma forma muito provocativa e sincera, dá gosto de acompanhar, as palavras envolvem e possibilitam uma imaginação necessária em tempos tão obscuros que passamos. Não é um texto do qual se consegue sair ileso – ao menos te garanto que não saí. Adorei a ideia de nos apresentarmos assim, através de carta, não é algo costumeiro em nosso tempo contemporâneo, por vezes tão soterrado de meios de "comunicação" galopantes e instantâneos. Escrever uma carta não é o exercício mais fácil de se fazer, é um processo que desassossega, desacomoda os sentidos e exige uma escrita muito pensada. Pena que não foi um processo manuscrito, colocado em envelope, chegado até você acompanhada de um belo selo. Adoraria saber como é sua letra, o jeito que você organizaria tudo nos limites do suporte papel. Trocar estas cartas via correio daria um corpo ainda mais poético a este "encontro".

Fiz o mesmo exercício que você. Só que ao invés de imaginar a leitura da carta, imaginei você construindo nas linhas o desenrolar do teu pensamento. Recriando a cena tentei acessar a forma como você foi costurando os assuntos, as pausas que fez para respirar, as vezes que parou, apagou e recomeçou, a abordagem que escolheste e a importância que deu a cada um dos pontos que você colocou para que eu pensasse junto contigo.

Busquei figurar em minha mente – de uma forma ficcional, claro – à tua imagem. Meio borrada pela falta de informações é quase que inevitável que ela fique muito romantizada e influenciada por tudo o que já vi nos filmes, novelas e livros. Muito difícil não te transformar em uma personagem – professora artista Renata (depois, caso queira, gostaria de saber o que você pensa sobre ser professora artista ou artista professora).

Te imaginei usando um coque ou um cabelo preso com lápis, às vezes de óculos, às vezes sem, escrevendo à noite sob uma luz amarela difusa. Em um cômodo com plantas, livros e janelas largas. Talvez tomando chá, para relaxar de tudo e todos, ou de uma forma mais atenta, dinâmica e acelerada tomando um bom café, tentando dar conta de tudo o que deve estar acontecendo em sua rotina neste semestre que, se bem lembro, costuma ser movimentado. Bom, mesmo possuindo apenas pistas frágeis, coletadas através do teu texto, construí estas poucas especulações, vestígios de uma brincadeira de como te imagino ou da cena em si. Foi só uma forma de me aproximar mais da sua pessoa, assim como você fez.

É notório que você tem uma boa caminhada pela literatura, ou que a leitura faz parte do teu dia. Você me parece gostar de escrever, suponho que deva ser algo que te ajude na expressão de suas ideias e de seus sentimentos. Te confesso que mesmo sendo professor e agora iniciando uma caminhada como pesquisador no mestrado, tenho dificuldade em organizar meus pensamentos pela escrita, sempre me exige tempo (justificando o fato de te entregar em meu último dia de prazo, peço desculpas por isso). Tento dar meu máximo quando me proponho a escrever, mas sou inseguro. É curioso pensar que o que você saberá inicialmente sobre mim será construído através do que eu colocar aqui, das perguntas que eu escolher responder e da forma como construir minha resposta.

Não acho que consegui corresponder tuas perguntas e provocações da forma como eu gostaria e principalmente com a densidade nas respostas; senti que tu merecias mais, visto que construiu uma narrativa tão honesta e curiosa sobre você e seus percursos na docência/vida. Mas como disse, talvez eu seja muito cruel e inseguro com meus processos e você ache ao fim desta leitura que fui feliz nas minhas respostas. Já na parte inicial de tua carta você pontua: “como é bom a gente se colocar nas coisas”, concordo plenamente e é por isso que te falo, não sinto que me coloquei tão inteiro neste texto, será que conseguiria? Será um texto capaz de tal feito? Talvez um dia possamos continuar esta conversa, caso queira, claro. As questões que você colocou me são muito caras, moveram e movem muitos pontos da minha vida, dos meus desejos como pessoa e como profissional, e isso tornou tudo ainda mais difícil na hora de construir esse texto.

Não vou conseguir responder todas as perguntas, como disse algumas exigem uma elaboração mais densa e algumas te confesso que não sei responder ainda. Tomei a liberdade de responder algumas delas utilizando imagens, espero que não se importe. Acredito que as imagens nos ajudam em nossos diálogos docentes. Elas são alicerces poderosos na elaboração de uma aula, de um projeto com estudantes, de mapeamentos, em um diário de percursos, em nossas produções e investigações. Navego nesse oceano da docência, flutuando na produção e na reflexão sobre as imagens. Elas sempre surgem como conectivos, como formas de narrar minhas experiências de apontar direções possíveis, pistas de como dar os próximos passos.

Trouxe essa imagem pra te responder um pouco sobre o que penso sobre a escola. Sobre como enxergo a educação, sobre as minhas concepções pedagógicas. Quando volto meus olhos para o território da educação é inevitável não considerar a pluralidade deste lugar. Me assustam os discursos que buscam homogeneizar e padronizar as experiências de ensino e aprendizagem, porque aos meus olhos tais práticas e falas matam o que há de mais potente na escola, sua capacidade de edificação através da diferença entre os sujeitos que ali se relacionam e se afetam. Acredito e busco me relacionar com pedagogias que valorizam, dialogam com a beleza e riquezas destas diferenças, trazendo-as como pontos de propulsão.

Acredito que as aulas de artes visuais possam e devam ser espaços que instrumentalizam as discussões sobre o mundo que construímos e que estamos imersos. Penso que é produzindo arte e derivando conscientes nos processos criativos, que ajudamos na construção de falas críticas e emancipadas destes pensamentos hegemônicos e colonizadores como tu bem pontuou. Não é tanto sobre produzir arte, mas muito mais sobre viver processos com e sobre arte. Não é uma tarefa fácil, exige trabalho, pesquisa e principalmente consciência política, empatia e muito amor. Ser professor diz muito mais sobre ausências do que sobre presenças, muito mais sobre dúvidas do que sobre respostas e isso não é para qualquer um.

É importante que os estudantes nos tenham como aliados, que possam entender nossas aulas como espaços de questionamento e de vazão, onde a expressão de ideias e sentimentos aconteçam mediadas por arte, por literatura, por música. Busco trabalhar para que em minhas aulas cada estudante, a seu modo, se encontre – ou se perca (poeticamente) – de alguma forma. Que de algum modo receba das proposições da aula o afeto necessário para romper com a apatia, com a neutralidade sobre as coisas. Nosso tempo relógio na escola é curto, abafado pelas rotinas e afazeres, mesmo sobrecarregado e, por vezes, solitário eu luto para que meus estudantes e eu sejamos protagonistas e propositores, juntos. Educação é processo colaborativo. Não há docência sozinho, da mesma forma que não existe professor sem a troca com o estudante.

A instituição escola é muito difícil de lidar. É frágil, injusta, por vezes controladora e cruel. Tudo reflexo de importações descontextualizadas. Importamos um modelo educacional ou vários deles, que falham ano após ano, por desconsiderarem nossos contextos, nossas demandas afetivas, as vidas que estão inseridas ali. E sinto, muitas vezes, uma grande vontade de explodir tudo e recomeçar lá da Pangeia. (rindo de nervoso). Por vezes, o sistema escolar vai te sugar, te exigir coisas muito estranhas, sem sentido e que aos poucos vão te afastando dos processos criativos e estimulantes da docência. É preciso estar atento e forte. Lutar por aquilo que se acredita e nunca deixar de produzir, de experimentar e, nas cores, nas formas, nas materialidades, encontrar o elixir de resistência. Se posso te deixar um conselho, nunca pare de produzir! Viva teus processos.

Invente, rabisque, misture. Os estudantes sabem e acreditam muito mais quando sentem o brilho nos teus olhos, e esse brilho só acontece com a verdade e intensidade com que tu vives os processos em que você acredita.

encontre os teus pares.

Não lembro do momento exato que decidi ser professor, mas lembro sempre de como a escola, no período em que fui aluno, me impulsionou a fazer arte visuais. Isso me marcou, foi decisivo pro meu futuro, vejo na escola, no "ser" professor artista, um lugar onde eu posso retribuir este acolhimento a outras pessoas. Também estudei sempre em escola pública, depois Universidade pública e, agora, sigo também no mestrado neste mesmo contexto. O saber é um bem público e deve ser garantido a todos desta forma: gratuita, democrática e de qualidade. Luto por isso.

Sobre as imposições hegemônicas de formatos pedagógicos, de sistemas, e modos conteudistas e engessados de se fazer arte educação, por vezes penso que a saída está nas frestas! Naquilo que às vezes deixamos escapar por desatenção. Por mais forte que seja a vontade – quase que constante – de radicalizar, explodir tudo e tentar recomeçar, busco me acalmar e acreditar nas ações de micro política. Penso que para vencermos estes problemas é importante ruir o sistema por dentro, ir rompendo com essas barreiras através de nossas aulas, de nossas proposições. De novo compartilho contigo minha atual experiência escolar, foi no ano passado e está sendo neste, um processo difícil, por vezes muito solitário, daí a importância de encontrar nossos pares e fazer uma teia de apoio.

Acho que minha maior dúvida, e talvez maior angústia, esbarra naquilo que você colocou sobre os conteúdos, sobre a necessidade de ter que dar conta, de ser responsável por conduzir estas informações até a vida de cada estudante. Quando me libertei dessa concepção de condução – e isso não aconteceu nas discussões da universidade, mas sim no chão da escola – me vi pronto para pensar em planejamentos de aulas significativos não só para os estudantes, mas principalmente para minha vida como professor artista. Essa ideia de passar informações, de possuir todas as respostas, exigências de um ensino conteudista, assombraram muito minha cabeça e minhas primeiras práticas em sala de aula. Estar quarenta horas semanais na escola, trabalhando com pessoas que levam a prática docente desta forma conteudista te contamina a pensar assim.

É muito mais fácil replicar a mesma aula para todas as turmas, é cômodo passar apenas texto e pedir "desenhos livres". Mas, no fim, quando parei para refletir, o preço destas escolhas acabou sendo muito mais caro. Além de sacrificar minhas ideias, minha forma mais poética de levar e enxergar a vida na escola, percebi que o fazer pelo fazer, o fazer sem reflexão, sem participação dos estudantes, sem criatividade e pesquisa envolvida, cansa e esgota muito mais. No fim de tudo você não vê sentido no que você está fazendo e isso é muito desanimador. Olhar para trás e só ver "coisas feitas", produção material, material empilhado que no fim vai pro lixo por mais bonito e bem executado que tenha ficado. Entendi a duras penas que ensino e aprendizado em arte não é sobre produzir coisas, mas sobre encontrar as mais diversas possibilidades de sentido no que se está fazendo. Desconstruir essa ideia é um exercício constante, dar outros significados para os processos de ensino aprendizagem no espaço escolar tão enrijecido, também.

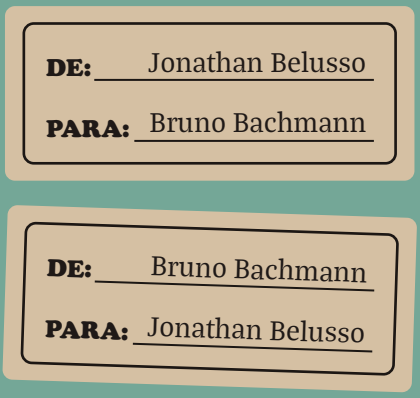
Por fim, quero dizer que amo o que faço. Que o fato de ser tão desafiador, difícil e movimentar em meu peito os sentimentos mais ambíguos, faz com que eu me sinta vivo. Sinto que não me encaixaria em outros contextos, não dessa forma, não com toda essa permissão para que eu possa ser eu com tamanha honestidade.

Por vezes vi que coloquei nessa carta um peso muito grande para te alertar de todos os desafios; para finalizar digo: as alegrais são proporcionais ou muito maiores, tudo vai depender da forma como você vai enfrentar esse rojão!

Renata, espero de coração que eu tenha conseguido ser claro nas minhas ideias e que você goste desta partilha. Obrigado mais uma vez por compartilhar teus anseios e dúvidas. Sigo à disposição para conversarmos mais vezes!

Abraço.

Fabio Luis.



Jonathan Belusso, mediador do campo de centeio, Florianópolis - SC.

Bruno Bachmann, remador, apaixonado por literatura e gatos, blumenauense radicado em Florianópolis - SC a 9 anos e meio.

03/08/2021

Oi Bruno

Bruno, como tem passado? Faz tempo que não nos vemos, né? Saudades de eu, você e a Luanda nos reunindo pra almoçar na tua casa, falar sobre filmes, livros e várias bobeiras da internet.. espero que esteja indo bem apesar de toda essa doideira de pandemia e que em breve possamos marcar algo...
Bom, antes de mais nada, acho que devo explicar um pouco a proposta que essa carta tem, para então iniciarmos uma conversa, desculpe esse início meio burocrático. Acredito que mais adiante no texto poderemos ficar mais "livres" na escrita.
Então, trata-se de um trabalho chamado "Narrativas Docentes", para a disciplina de História e Teorias do Ensino, onde via carta (no caso digital) perguntamos a professores de arte sobre as suas aulas, métodos de atuação, prática, estudos, referências e etc. Além disso, neste trabalho são pedidas seis questões para perguntar e debater na troca de cartas, mas acho que podemos até ultrapassar esse requisito. O assunto do qual pensei em conduzir nessas cartas seria das relações de afetividade na docência, às trocas entre professor e alunos. O que você leva de seu repertório pessoal de arte (filmes, artistas, livros, interesses, etc.) para as aulas? Como é a recepção dos alunos e quais são as contribuições desses mesmos? O que eles trazem em retorno? Como se dá a dinâmica de aula nesse sentido? Quais histórias surgem nesse convívio? Tem alguma pra contar?

Amigo, sinta-se livre para responder como quiser e me desculpe pela enxurrada de perguntas. Beijinhos e aguardo retorno!

– JON

07/08/2021

Oi Jon

É, realmente faz tempo que a gente não se vê, desde [antes] da pandemia, né? Aí trocamos livros... Meu Sartoris, ai meu Deus!... Mas eu sei que tá seguro... Enfim.

É... eu gostei da ideia narrativas docentes e topo fazer sim, não se preocupa com a questão burocrática, é questão acadêmica também, né? Não tem como escapar, não é burocrático, mas mais científico, o que também é bom.
[Sobre a] questão do assunto, eu levo para os meus estudantes bastante filmes (...) [aliás] não é filme, é parte de filmes pra explicar as coisas que eu quero mostrar, por exemplo, eu levei uma parte do desenho "Fantasia" – que todo [mundo] geralmente lembra do Mickey, né? – que trabalha muito com orquestra, as questões do sagrado, do profano e coisas de arte[s] clássica[s] assim; que são coisas que eu gosto de passar bastante [esses conteúdos] para os meus estudantes, inclusive. Eu foco bastante em história da arte na minha aula, eu falo que existe a história da arte africana, história da arte que se diria antigamente oriental, mas acho que não se fala mais assim também, nunca pesquisei pra ver como é que se diz, então não vou nomear. Mas eu falo que existem vários rios, sabe? que desembocam em outras histórias da arte. Mas pra todo mundo ter acesso, né, se é uma história que muita gente estuda, aí eu tento passar um pouco de história da arte para eles, eu pergunto se eles já tiveram [história da arte], a maioria não teve, não teve nada sobre Grécia antiga, ou neoclassicismo... – não que seja necessário, né...– tem pessoas que, vai de professor pra professor ou professora pra professora, né (...) dá [aula de história da arte] tudo pipocado, por assunto, né? tipo, drippin [drip paint], daí entra no assunto... Você deve conhecer né, não tem muito método, mas o meu [método] é bem tradicional, só que daí eu tento subverter algumas coisas, tipo, vou tentar dar um exemplo aqui... Eu trabalhei com eles com o barroco (...) (isso é 3° ano e 2° grau, tá? daí dá pra trabalhar uma coisa mais conceitual assim) eles já não gostam de desenhar mais, se tu for dar qualquer coisa muito [técnica ou trabalhosa] – o 5° ano faz coisas mais precisas [referindo-se empenho técnico] do que o terceirão – então o tercei rão é legal dar uns exercícios bem conceituais [preferência desse tipo de conteúdo nessa faixa]. Bom, eles reclamam de tudo, (...) mas eles [alunos do ensino médio] gostam [de exercícios conceituais]. (...) Voltando, estava trabalhando com eles com o barroco e que o ser-humano não tava mais no centro assim, né? da imagem

e, isso contando o contexto político da época tudo, aí trabalhei com eles o Caravaggio que, às vezes, usava para as pinturas dele uns modelos de rua, de pessoas que moram na rua (...) então eu falei que eram pessoas que eram marginais, aí eles pensaram que marginal seria bandido né, Aí eu falei para a gente trabalhar a questão da margem na folha, que é uma coisa que eles sempre fazem na primeira aula já, até comentei com eles, tipo, pedi pra eles [os alunos] fazerem um desenho e quando vi eles já tavam (...) fazendo margem, aí eu falei "não gente, não precisa" (...) "não precisa fazer margem no desenhos", eles fazem [margem] mesmo no terceirão, tipo, tudo que é desenho começa com margem. Daí a gente trabalhou a margem como marginais né, "quem está na margem?" (...) no caso, seria os modelos do Caravaggio, e o centro né? a elite que pagava pelos quadros dele [Caravaggio] (...) então é mais ou menos isso, um exemplo de uma aula que eu dei, sempre tento levar por esse lado, né? Aí trabalhei junto, nessa questão da margem, A Primeira Missa no Brasil, que é [uma obra] que os povos indígenas estão nas margens da imagem e no centro estão os colonizadores. Essa questão mais racial, ou sobre colonização, questões decoloniais também, os estudantes têm um pouco de consciência, eles não conhecem a palavra né, não sabem do que a gente tá falando, não é que eles não sabem é que eles não conhecem a palavra decolonial, os conceitos, mas eles sabem que no centro são homens brancos héteros e dominantes e, nas margens, estão famosos indígenas do Victor Meirelles – que inclusive são modelos da Europa, foram pintados com rosto de europeu. Enfim, esse, por enquanto, é um dos tópicos.

– BRUNO

08/08/2021

Oi Jonathan

[Sobre] a questão do que eu levo de repertório... Assim, é escola estadual né, é uma coisa que eu queria falar [que é] importante, é.. às vezes a gente segue – principalmente a gente que vem do CEART – acostumado com projetor e nas escolas não tem, isso é bem comum [não ter o equipamento]. Então as aulas de artes ficam um pouco... por mais contemporâneo, por mais modernista e pós-modernista e, mega pós-estruturalista que tu seja, as crianças não são, então [quando] chegar lá tu não

vai ficar assim fazendo umas proposição Yoko Ono, que eu acho legal né, eu levo [pra aula] também, só que eles [estudantes] não entendem muito, porque eles nem sequer sabem é... ah! não construíram para [depois] desconstruir. Eu sempre fico na dúvida se dá pra pular direto pra arte contemporânea, eles fazem até se eu levar uma proposição, tipo, [a do] Cildo Meirelles das garrafas de Coca-Cola (...), ou da Yoko Ono que a gente inventa uma ação numa cartinha, acho bem legal também, eu adoro né, só que eles acham bem sem graça (...), tu precisa fazer um trabalho filosófico antes de fazer um trabalho de arte, com o pessoal do terceiro e segundo ano [do ensino médio]. Acho importante que deveria ter no nosso curso, tem já, mas acho que teria que ter assumidamente algumas cadeiras de filosofia, porque se tu explicar ou tu mesmo entender qual é o momento filosófico ou no que os artistas estão baseados ali [em seus trabalhos], aí fica mais fácil de tu conseguir fazer eles [os alunos] entenderem, aí eles gostam do exercício, porque se tu não levar o conceito... tu tens que levar o conceito para eles, não é só levar o exercício (...). Então com o segundo ano [ensino médio] tem que trabalhar a cabeça deles de uma forma bem filosófica, tem que fazer eles viajar pra entender, por exemplo, "porque um desenho geométrico mora num plano bidimensional", "porque um desenho tridimensional é uma ilusão num plano bidimensional", esse tipo de coisa vai trabalhar com o segundo ano [ensino médio], mas aí só depois tu consegue fazer [lecionar] arte contemporânea. (...) como agora eu to trabalhando com o quinto ano e o terceirinho [ambos do ensino fundamental anos iniciais] (...) cada turma eu faço o meu papel, tipo, vou passando né [os conteúdos], às vezes eu passo história da arte ou umas coisas assim, porque realmente não existe (...) uma linearidade [nos conteúdo] em nenhuma sala [turma de aula de arte], tu chega nas escolas – esse é o contexto estadual, tá? que eu trabalhei – eles [os alunos] nunca viram nada de movimento [da história da arte], ou não fizeram nada ligado, sabe? (...) uma coisa que eu queria comentar sobre a recepção dos estudantes, porque eles fazem, se divertem, mas, eles não têm repertório desde pequeninos de imagem, Caravaggio e história da arte... tudo coisa que pra mim na arte contemporânea é importante ter também, porque se não vai ficar desconstruindo o que né? (...)

– BRUNO

09/08/2021

Oi Bruno

Ouvi os áudios agora, achei bem legal os seus comentários e as suas respostas que você deu sobre as perguntas que eu tinha feito. (...) Eu pensei em outra pergunta, teve a última aula da disciplina, tiveram um assunto legal, acho que seria interessante você compartilhar o que você pensa sobre, né. Bom, a última aula foi sobre diário, diário pessoal, diário de classe, eu e a Luanda tava até comentando sobre diário também, que tem todo tipo de diário que as pessoas fazem – inclusive a ideia de diário é muito similar com a de livro de artista né. Então eu lembrei de um daqueles objetos mnemónicos que você tinha me emprestado pro meu TCC (ainda está aqui em casa, quando nos vermos novamente eu posso te devolver), tinha um caderninho, tipo, um diário mesmo, parece um livro de artista, tem uns desenhos, uns escritos sobre as aulas e tal, acho bem legal esse caderninho. Queria saber, nessa nova pergunta, se você ainda mantém um diário dentro das tuas aulas? Como ele é? Como você faz ele? Se você faz ainda daquele jeito com os desenhos e anotações com suas impressões, num estilo meio livro de artista?

– JON

09/08/2021

Oi Jon

Essa pergunta é legal mesmo, porque eu tenho um diário de classe, só que eu faço tudo meio solto assim, eu coloco, por exemplo, eu gosto bastante de dar [aula] história da arte né, aí eu falo, tipo, "Grécia" [elabora tópico no diário] ou pego um artista individual ou uma artista, daí eu faço uma folha, tipo um rascunho na forma de paisagem e coloco as informações importantes, sabe? como tópicos. Aí pra mim esse é meu diário atualmente (...) um caderninho que eu anoto o nome dos meus estudantes pra eu lembrar, tenho um diário de classe que eles [a escola] imprime e junto eu tenho meu diário de, por exemplo, quem faz as tarefas, quem não faz, e vou levando assim.

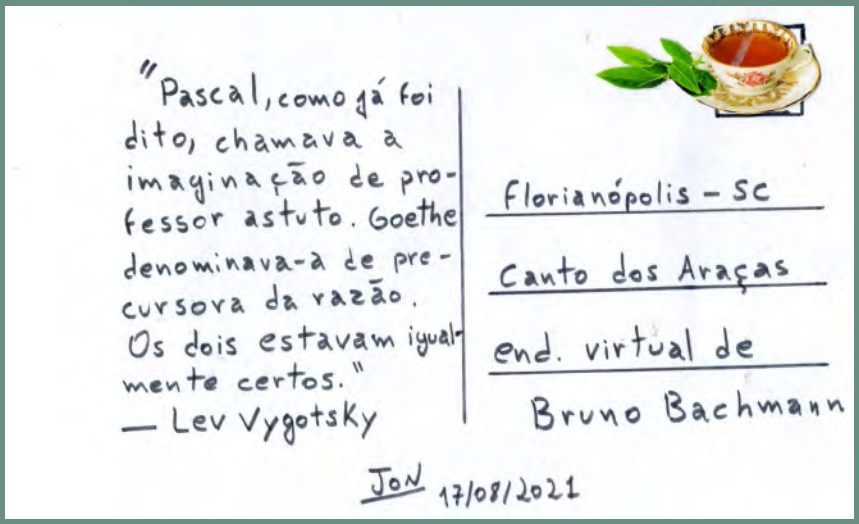
– BRUNO

13/08/2021

Oi Bruno

Bruno, adorei suas respostas e toda a participação que você teve nesse projeto das cartas, quero te agradecer por sua ajuda, muito obrigado mesmo amigo! Aprendi bastante com seus relatos e achei legal que muita coisa de que você comentou transparece nos textos que li da disciplina, sabe. A hora que nos vermos em pessoa eu comento os detalhes das impressões que tive. Infelizmente não pude registrar tudo aqui, a transcrição é muito difícil e trabalhosa, mas, de todo modo, o resultado ficou muito muito legal. Ainda vou fazer um postal digital pra te mandar e finalizar esse projeto das "narrativas docentes" com uns desenhos que representam (sei que a E. detesta esse termo) alguns trechos da sua fala. Enfim, só quero registrar minha gratidão por você ter participado e contribuído tanto nesse projeto, assim que eu terminar tudo o que falta das cartas e afins, eu te mando o resultado final. Um abraço!

– JON



Postal de Jon para Bruno (frente e verso)

DE: Luana Gonçalves Santana

PARA: Solange da Silva Figueira

DE: Solange da Silva Figueira

PARA: Luana Gonçalves Santana

Luana Gonçalves Santana, paulista,
encantada pela arte e pela educação.

Solange da Silva Figueira, professora
e artista apaixonada pela vida.

Gostaria de iniciar essa carta dizendo que o ato me traz certa confusão. Esse não é um hábito que tenho e certamente preferia um chá ao vivo e a cores enquanto falamos sobre arte. Mesmo assim escrevo com a esperança de que suas palavras sanem as dúvidas de alguém que sente muito medo do futuro e o que ele pode reservar.

Esse medo vem da consciência de que no país em que vivemos, por parte de uma grande quantidade de pessoas, não há o reconhecimento necessário em relação ao fazer artístico e ao professor, e juntar essas duas coisas (arte e docência) aparentemente surge como uma ideia estranha - que estranhamente me atrai demais! Me pergunto como você, professora que trazia para as aulas que tive contigo, tanta alegria e carinho, lidou com essa aflição... Aliás, chegou a senti-la?

Eu me pego muitas vezes imaginando como é a prática. Nas aulas que temos na universidade aprendemos muito sobre teoria e coisas como "projeto político ali, BNCC acolá" e no meio disso a certeza de que no momento em que se entra em aula nada disso vem à mente e o que se faz presente, quando há paixão, é a vontade de transmitir o saber. Mas mesmo com essa certeza, ainda há o questionamento sobre como. Como saber o que dizer e em que momento dizer? Como cativar uma sala com 20, 30, 40 alunos?! Parece uma missão tão difícil... Mas eu me lembro claramente de como parecia simples durante as suas aulas que eram levadas com tanta leveza. Qual o segredo da sua receita?

Às vezes penso como seria tragicamente engraçado se os receios que tenho se fizessem verdadeiros. Para felicidade dos que me rondam (e a minha também) eu aparentemente faria um bom trabalho. Mesmo assim, são apenas divagações sobre um futuro incerto. Será que há maneiras de ter alguma certeza?

A faculdade tem trazido algumas situações indesejadas e uma delas é a falta de vontade de produzir. Obviamente que nesse momento há ainda possibilidades de postergar um trabalho ou outro e fazê-lo no momento em que houver inspiração, mas eu sei que quando for a minha vez de ser a provedora do conteúdo apresentado não haverá uma margem tão larga. Eu tenho uma memória forte do quão animada a senhora chegava em aula quando havia um conteúdo ou um projeto novo para ser feito e, agora, depois de tantas perguntas, gostaria de saber como conseguia manter esse ritmo? Em algum momento esteve estagnada no tocante às produções e isso afetou suas aulas?

Talvez sejam perguntas demais e talvez, mesmo que as responda categoricamente, eu ainda permaneça nesse limbo de questionamentos. E talvez querer saber como eles se desdobraram futuramente seja um dos meus maiores combustíveis para tentar ao máximo.

Eu encerro essa carta agradecendo pela leitura e a convidando para um café pós-pandemia, pois não há carta no mundo que dê conta do prazer em dialogar com você, professora.

Atenciosamente,
Luana

Querida Luana,

São tantas coisas pra dizer sobre tudo o que colocou nessa carta e algo eu já te adianto. Vale tudo o que você tenha prazer em fazer. Eu não me adaptei a todas as disciplinas que a faculdade oferecia e fiquei muitas horas fazendo trabalhos que não gostava e, mesmo assim, tentava fazer tudo muito bem feito e várias vezes não ficava no nível de exigência dos professores. É frustrante, mas faz parte da formação e da vida também, passarmos por elas fazendo, vez ou outra, coisas que não entendemos o grau de importância ou de que não gostamos muito. Levo as adversidades como experiência e aprendizado. Meu conselho aqui é que você faça o **SEU, SEU, SEU, SEU** melhor e o melhor pra **VOCÊ**.

Luana, essas dúvidas não são só suas e por isso, fique tranquila. Todos nós temos dúvidas em relação ao futuro e por isso, não fique tão preocupada assim. Construa conhecimentos, não só de arte, mas de vida. Você tem tudo pra dar certo em qualquer profissão e ademais, professores de arte podem trabalhar não só dentro de escolas, mas também em outras instituições, podem fazer especializações diversas. Futuro .... o certo é a morte. Parece maluquice, mas já me coloquei, em pensamento, algumas vezes perto da morte e indaguei – Estou estagnada, não posso fazer nada mais agora. Paro e retorno pensando. Estou viva, viva, o ar que eu respiro entra e sai de mim calmamente me lembrando que posso agir nesse momento e busco dentro de mim o que fazer agora, já. Vale aí uma reflexão. Já me aposentei de uma escola e estou quase pra me aposentar na FIEB. Com todo esse tempo de experiência, sinto naquela Luana menina que conheci, que está dentro dessa jovem mulher e que a carregará pra sempre, que você vai ser uma excelente profissional. Se for mesmo a sua escolha seguir a carreira do magistério, sorte dos alunos que a tiverem como professora. O Brasil precisa de professores competentes e comprometidos com a educação.

Deixe eu te contar uma coisa. No ensino médio, fiz magistério numa escola particular e assim que dei aulas pela primeira vez, numa escola estadual, fiquei tão chocada com aquela situação real, que chorava sem parar, dizendo que havia perdido tempo da minha vida estudando pra trabalhar naquilo. Eu dei o melhor de mim naquele dia e depois eu te conto como foi. Só sei que gastei muita energia, que saí de lá com as crianças querendo que eu voltasse, mas chorando aos montes, porque aquilo pra mim era o fim. Pensava que nunca mais voltaria para aquele tipo de trabalho. Até aquele momento, pra mim, ser professora era como um conto de fadas. Todos os alunos ali sentadinhos, comportados,

com seu material completo arrumado em cima da mesa e eu contando histórias e escrevendo na lousa ... Quem enfrentava a real, só ria de mim e eu me sentindo perdida. Depois de um tempo, percebi que aquele era o meu desafio, que ali eu poderia colaborar, de fato, com os meus estudos, criatividade, engajamento. Dei aulas em escolas públicas todo esse tempo e na rede de Barueri, cheguei a ganhar por cinco vezes o prêmio Giz de Ouro com minhas aulas de arte.

Sobre dar aulas, a primeira coisa, antes de leis, BNCC, formalidades, salários, reconhecimento, o que vejo de mais importante é estar conectada com pessoas, com seres humanos. Ter um olhar carinhoso por você em primeiro lugar, pelo grupo em que está inserida, pela vida das pessoas. Se vista de arte e vá!

Descobri que a arte ilumina a vida de cada um de nós. Cada um carrega dentro de si um mundo totalmente diferente do outro. Se a gente nem se conhece direito, quanto mais conhecer o outro. A arte possibilita que cada um busque dentro de si, seus questionamentos em relação ao que se passa ao seu entorno, busque saber o que a humanidade vivenciou no passado através de seus registros, a sair de dentro de si expressando-se mesmo que de maneira informal. Mostra que o belo pode ser feio e que o feio pode ser belo, que tudo o que há no mundo é passageiro, é incerto, é efêmero, é ilusório. É interessante conhecer os elementos artísticos nas artes visuais, música, dança, teatro, cinema e perceber a visão de quem os manipulou compondo obras incríveis! É descobrir o sensível dentro de cada ser humano em busca de expressar seus mais íntimos sentimentos mesmo que ele não leve o nome de artista, e muito, muito mais...

Já até me perdi rsrsrsr...

Reconhecimento pelo trabalho do professor? Em busca de salários altos? Não coloque isso como impedimento, caso descubra que essa é uma profissão em que você se mostra como um espelho para muitas pessoas em formação, colaborando com a transformação de vidas. Você se descobrirá parte da construção da vida de muita gente sem que eles mesmos percebam isso. Parto do princípio que devo fazer o melhor que posso naquele momento em que estou com os alunos ou até mesmo com a família deles. Tento sempre ser justa e dizer o motivo pelo qual gosto ou não gosto do que estou vendo, ouvindo, vivenciando com

eles e fazer com que compreendam a minha posição. E quanto a salários, há escolas que pagam pouquíssimo e há as que pagam melhor e lógico que pra chegar nelas, há de se estudar bastante.

O artista está aí pra ousar, pra desafiar, pra impactar, pra sensibilizar, pra ir além e por isso, por estar muitas vezes além do seu tempo, não será reconhecido, pelo menos pela maioria. Nem dá pra ficar abalada por isso, já que nem os cientistas estão tendo mais reconhecimento de seu longo e árduo trabalho por pessoas que comandam o país. Me perdoe, foi só pra ver que não dá mesmo pra buscar reconhecimento pelo lado externo e sim fazer o seu melhor por você e por aqueles que estão ali, no seu entorno, mostrando a importância da educação, a importância da arte educação, da arte na vida de cada um. Não só eu, mas todos os professores passam por momentos de aflição, quando nos percebemos sem o reconhecimento que merecemos, quando políticos, as famílias e até alguns colegas de profissão, não dão a devida importância à educação. E olha que nem estou falando de salários. Esse é um desafio que cada um de nós, eu, você e muitos que virão, continuarão enfrentando. Toda profissão tem seus desafios, Luana, por isso escolha enfrentar aqueles que você acredita serem seus.

Confesso que tive muitos bons professores na faculdade, com conteúdos incríveis de arte, mas quando entrei numa escola estadual, na periferia da cidade de Diadema, no alto do morro, em rua de terra, gradeada até no teto, com crianças sem comida e algumas sem roupas pra ir à escola, tive que me reinventar para dar aulas. Depois conto essa história. A teoria ajudou, mas a prática era totalmente outra. Na época não havia internet e tive um grande trabalho de pesquisas em bibliotecas. Imagine o quanto a arte ali fez diferença na vida daquelas crianças.

Tive também o privilégio de fazer uma especialização em arte-educação lá na USP. O curso foi idealizado pela Ana Mae Barbosa, uma arte-educadora referência aqui no Brasil. Ela criou um sistema de ensino de arte chamado abordagem triangular. Acho que você ainda vai ouvir falar sobre ela. Ela criou uma forma de ensino de arte onde é importante conhecer o contexto de uma obra, o aluno deve também fazer arte e saber apreciá-la. Nesse e em outros cursos, tive outros bons professores e estar ali me alimentava, me entusiasmava e me fazia engajar naquilo que escolhi como profissão.

Agora tentando responder – "Como saber o que dizer e em que momento dizer? Como cativar uma sala com 20, 30, 40 alunos?! Parece uma missão tão difícil..." Não sei se choro ou se dou risadas ... No início chorava de desespero. Sempre fui tímida, ao contrário de você Luana, e isso tornava as coisas mais difíceis. O aprendizado? Aprendi a respeitar e defender o aluno tímido em sala, sem deixar de cobrar a participação dele em situações em que ele deveria se expor ao grupo. Tudo isso vem da prática do dia a dia e também na procura de observar os colegas profissionais que admiro. Você teve professores que eu admiro e que me inspiram nesse caminho. Vou citar alguns como a Márcia Cristina, Mirtes, Júnior, Flávia, Kívian, dentre tantos naquela escola. Cada um com suas posturas e todos envolvidos de fato com o melhor para os alunos. Sou fã da grande maioria do pessoal da nossa escola. Cada um tem sua marca, seu jeito, suas técnicas pra "cativar" os alunos. E não estou dizendo aqui que é ser "boazinha". Se você reparar, todos eles, não importam como são, em primeiro lugar dominam aquilo que estão falando ou aquilo que eles se propuseram a fazer em aula (conhecimentos através de estudos), são autênticos (confiáveis), têm prática há tempos (só exercitando pra conquistar). Também quero dizer que não há receita pronta para enfrentar os momentos complicados. Situação difícil, calma. Se alguém me desacatar dentro da sala de aula? Respiro fundo, tento manter a calma, olho para o aluno por uns segundos, imaginando o que ele deve estar passando e que às vezes não tem nada a ver comigo, continuo a aula (aqui eu posso até estar com vontade de pegar o pescoço do aluno), dou um tempo pra baixar os ânimos, peço que o adolescente saia junto comigo e conversamos no corredor. É o grupo todo com problemas? Paro, respiro, tento manter a calma (eles podem estar esbravejando ou com medo de algo), me exponho como um ser humano igual a eles (alunos pensam que professor vem de outro planeta) e conversamos sobre o que está ocorrendo. É fácil? Não, não e não, mas quantos amigos fiz num momento pós tensão. Penso que os alunos estão em formação e quase todas as vezes que isso aconteceu na minha carreira, constatei que os alunos tinham grandes problemas externos, já vindos de fora da escola e não eram pessoais. Eles não sabem disso. Quantas vezes em trabalhos de arte, percebemos o turbilhão que as pessoas vivenciam ...

Faça estágios em exposições, participe de trabalhos como monitora, se ofereça pra dar umas aulas numa ONG, só para experimentar. Fiz isso também quando jovem. Além da experiência, o dinheiro também foi válido!

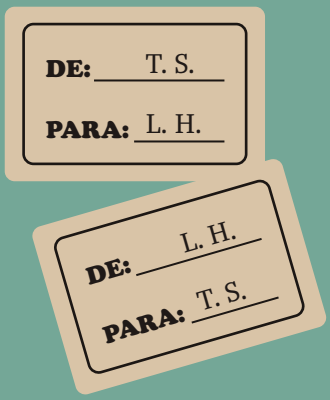
Já te falei sobre as produções no tempo de faculdade. Havia disciplinas que pra mim eram horripilantes e eu me desesperava. A inspiração nem sempre cai do céu. A gente tem que frequentar museus, exposições, Instagram de grupos criativos, observar detalhes das coisas, das pessoas, ver filmes, fazer cursos ... tudo isso a internet pode ajudar nesse momento. Na faculdade, fiz o melhor que podia e passou. Depois escolhi cursos mais direcionados ao que eu queria e gostava, mais relacionados a como dar aulas. Não me julgo artista. Sou criativa, gosto do diferente, de ver as ideias inovadoras dos alunos, gosto de me surpreender.

A escola está muito diferente por causa da pandemia, o trabalho se tornou mais mecânico do que artístico e isso me deixa um pouco entristecida. Legal mesmo é estarmos juntos, vendo a produção um do outro, mostrando para os que são mais novos de que eles podem se manifestar, podem ser interpretados de forma positiva e também negativa, que podem, principalmente através da arte, serem o que quiserem.

Eu tenho a grande sorte de trabalhar numa escola que escolhi estar, com profissionais admiráveis, com gente boa demais de alma, com alunos maravilhosos assim como você, Luana. E eu aposto que você compreende ou compreenderá tudo isso mais à frente. O coletivo, em nosso trabalho, nos ajuda muito. Sempre, com jeitinho e em particular, procuro parcerias para os projetos se tornarem do grupo de professores. Tenho apoio dos colegas e sinto que o meu trabalho é valorizado por eles e por muitos alunos. Me sinto privilegiada e muito agradecida em me encontrar, hoje, nessa posição.

Espero tê-la ajudado um pouquinho. Saí a escrever sem parar e vou lhe enviar a carta assim mesmo, sem reler porque já, já entro em aula.

Um beijão pra você, querida. Pode contar comigo para o que precisar.



L. H., corpo permeável aos afetos, Desterro - SC.

T. S., aspirante a artista encantada pela ideia de aprender ensinando, originária de Mogi das Cruzes, SP.

Mogi das Cruzes, agosto de 2021

Olá, L.H.

E olá, professora L.H.! É um prazer conhecê-las. Como você está?

Antes de qualquer coisa, quero agradecer por ter concordado com essa troca de cartas (obrigada!). Devo dizer que essa é uma experiência consideravelmente nova para mim. Como seria de se esperar de uma pessoa já nascida no século XXI, nunca precisei escrever cartas. Quando era pequena, uns dez anos talvez, costumava receber cartinhas da minha avó pelo correio. Ela morava em outra cidade e não podia me ver com a frequência que gostaria. As cartas eram uma forma de fazermos parte do dia a dia uma da outra.

Aqui a experiência é completamente diferente, escrevendo uma carta para alguém que ainda não conheço. Acho que existe uma proximidade e um anonimato muito únicos na troca de cartas com uma pessoa que você não conhece.

Agora, sobre a intenção desta carta, espero aprender um pouco sobre a sua experiência enquanto professora, acalmar as milhares de dúvidas que vão surgindo na cabeça de uma pessoa entrando pela primeira vez num ambiente de faculdade. Gostaria de saber como você atua, para que idades você dá aula, por que escolheu essas idades... Enfim, conhecer um pouquinho de como é o espaço de uma aula sua.

Iniciei este ano a licenciatura em Artes Visuais, devo admitir, por ingenuidade. “Na presença ou na ausência de aulas de pedagogia, melhor pecar pelo excesso”, pensei (ou melhor, fui aconselhada). Porém, em uma das primeiras aulas, quando fui questionada sobre “que tipo de professor desejo ser”, fui atingida pela realização esmagadora de que eu estou caminhando para ocupar o lugar de um professor na vida de alguém. Foi uma

percepção tão poderosa. Fiquei com essa pergunta inundando a minha cabeça: mas então, *que professor eu quero ser?*

Durante a escola eu costumava ajudar amigos com as matérias, montar grupos de estudo... Agora pensando, acho que passei mais tempo no ensino médio, ensinando para meus colegas do que estudando por conta própria. Era uma boa motivação, um bom jeito de aprender. Mas, sinceramente, o que eu realmente gostava era de ser capaz de ajudar alguém a aprender. Sentar com uma pessoa e tentar entender o jeito dela de pensar para adaptar ou inventar a melhor forma de explicar algo para aquele alguém.

Quero ser uma professora que seja capaz de oferecer essa atenção, essa sensação de estar presente para o outro. O que te fez escolher o caminho do ensino?

Confesso que não tive a melhor das experiências com as aulas de arte dentro da escola. Nunca gostei; não por falta de afinidade com a matéria, bem pelo contrário. Não gostava pela insatisfação que me gerava. A frustração de ver a possibilidade de um universo de conhecimentos artísticos sempre meio fora do meu alcance. Às vezes, pela falta de material ou pela falta de tempo, pela falta de profundidade, falta de disposição... Eu sentia muita falta da arte dentro da escola. Você sente que o ambiente da escola limita a prática artística? Acho que fica difícil transparecer o peso, a presença e a importância da arte nas nossas vidas quando ela acaba por virar quase uma aula de história. Uma longa sequência de datas, nomes e categorias para serem espremidas dentro de uma prova bimestral.

Passei todos os meus anos de escola sendo parte de uma sala “de péssimo comportamento” (segundo as próprias diretorias ao longo dos anos). Acho que isso enraizou uma preocupação muito grande em mim de não ser capaz de mediar uma sala. Como manter a ordem sem ser severa? Como estimular a criatividade, acolher o caótico do processo artístico, sem acabar com uma bagunça? Como você busca esse equilíbrio?

Por fim, quero contar que decidi escrever uma carta à mão, mesmo não tendo a mais compreensível das letras (não se preocupe, enviarei também uma versão digital!). Tenho a interação com a letra da pessoa como uma das partes mais interessantes, e talvez mais íntimas, da troca de cartas. No caso, aqui a interação com essa minha letra escorrida, desacentuada, meio de forma, meio cursiva, entre maiúsculas e minúsculas, decorada em rabiscos e rasuras. Acho que se aprende muito sobre como funciona a cabeça de alguém pelo jeito da pessoa de escrever. O jeito de anotar de forma irrestrita, seguindo o fluxo dos pensamentos. Como são seus cadernos de anotação? (Ou melhor, no contexto da conversa sobre docência, como são seus diários de aula, isso é, se você tem o hábito de fazê-los. De que forma eles apoiam a sua atuação como professora?)

Vou parando por aqui, espero não ter tomado muito tempo e novamente agradeço pelo tempo que tomei.

Obrigada,

T.S.

Florianópolis, setembro de 2021

Oi T.S.,

Gostei muito de receber a tua carta. Como você disse, essa prática não é muito comum nos dias de hoje, mas, assim como você lembrou de memórias trocadas via carta com a sua avó, eu também voltei um pouco no tempo para uma época da minha adolescência quando trocava cartas com duas amigas virtuais. Acho que essa forma de comunicação, independente dos diversos contextos, é sempre carregada de um certo tipo de afetividade.

Para além dessa memória de adolescência, sua carta também me faz olhar para o meu passado, buscando as pistas que me trazem até aqui: ocupando a posição de Professora L.H.. Você me provoca com muitas perguntas, muitas das quais eu também me fazia quando comecei a espiar o universo das licenciaturas e, por incrível que pareça, pode ser até um pouco frustrante para ti, muitas dessas perguntas ainda caminham comigo sem resposta pronta. Mesmo sem respostas prontas, penso em contar algumas coisas a você e pensei em começar pela L.H. que escrevia cartas.

Quando eu era adolescente, não me sentia muito bem encaixada no mundo ao meu redor. Gostava de música, literatura, fotografia mas não acessava muito o mundo do primeiro beijo, primeiro amor, as roupas da moda indicadas pela Revista Capricho… Enfim, era uma adolescente meio *nerd*, meio antissocial. Era a filha mais velha, primeira filha dos meus pais e primeiro caso de “adolescente rebelde sem causa“ com quem eles teriam que aprender a lidar. Foi nessa época que eu decidi que gostaria de me mudar, sair da casa dos meus pais naquela cidadezinha de interior, chegar a uma universidade, conhecer o mundo… Para que isso pudesse acontecer, eu precisaria de dinheiro e foi com uns 17 anos que eu tive o meu primeiro emprego: professora de Inglês. Eu não tinha formação na área, ainda fazia ensino médio, mas era boa na língua e, conversando com a minha professora de inglês do

colégio, ela conseguiu uma vaguinha para mim na Escola de Inglês do colégio em que ela trabalhava. Como você pode imaginar, o salário era minúsculo e não deu para sair de casa. Foi só em mais ou menos um ano depois que a esperada mudança ocorreu. Em 2010, eu entrei na UFSC e me mudei para Florianópolis.

Foi uma explosão de novidades na minha vida: a cidade grande, a universidade pública, a diversidade de pessoas… Era como se eu estivesse me (re)conhecendo. Foi a partir desses encontros que eu formei muitas das redes que me permitem estar aqui-agora. A princípio, meu curso (Relações Internacionais) não tinha muita relação com Educação, mas me fez adentrar o território da História, da Política e da Sociologia. Tudo isso me transformava muito. E bem, eu também consegui trabalhar em uma escola de Inglês para aumentar os troquinhos da mesada.

Com essas mudanças todas, eu percebi que R.I. não era muito a minha praia e fui catando disciplinas de outros cursos para fazer. Foi mais ou menos no meio dessa crise que eu percebi que ser professora parecia um caminho para mim. Peguei várias disciplinas da Licenciatura em História e acabei me tornando bolsista do Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som. Nesse lab. a gente trabalhava com produção de animações para serem usadas como material didático no ensino de História. Foi assim que eu entrei pelas primeiras vezes em uma sala de aula de escola pública.

No final de 2014 precisava tomar uma decisão. Minha matrícula em R.I. já não me servia mais para muita coisa e eu precisava “tomar jeito“ e me formar em alguma coisa. Pensei que ser prof. de História era bem legal, mas que talvez ser prof. de Artes poderia ser mais legal ainda.

Em 2015, comecei a licenciatura em Artes Visuais na UDESC. Agora você já pode imaginar. Talvez nesse ponto o seu caminho se toque com o meu.

Em 2019, assumi oficialmente pela primeira vez o cargo de Professora de Artes e desde então ser Professora de Artes é uma grande parte da minha vida.

Percebi que acabei contando como e quando, mas não por que. Acho que essa é uma das perguntas sem resposta exata. Ser professora se apresenta para mim como um exercício constante e dinâmico de estar aberta ao mundo e aos outros. É desse encontro, dessa porosidade, desses atravessamentos que surgem os prazeres e também as maiores dificuldades dessa profissão. Bom, nessa altura você já sabe que ser professora é difícil. E se ainda não sabia, saiba. Principalmente se considerarmos nossa área e nosso contexto, não é mesmo? Ainda assim, eu não me vejo fazendo outra coisa. Fiz minha casa na Arte e na docência. Por vezes é uma “casa muito engraçada“, mas ainda assim uma espécie de lar.

Atualmente, estou trabalhando na Educação Infantil, com crianças entre 1 e 6 anos. É bastante desafiador e foge um pouco da experiência da Aula de Artes mais teórica que você coloca no seu relato. Às vezes, foge até demais e é preciso de alguns limites e objetivos bem claros para que a gente não caia no outro extremo do “livre-fazer”. Eu, pessoalmente, gosto mais de trabalhar com adolescentes e adultos, mas verás que nem sempre é a gente que escolhe com qual público vai trabalhar. Cada idade tem sua peculiaridade e é legal poder conhecer um pouco de cada uma. No geral, eu não tinha muita vivência com crianças, mas tenho me divertido com elas. Acho que, para além das dificuldades estruturais e contextuais, também é preciso encarar nossas próprias limitações autoimpostas. O processo pode ser surpreendente. Digo isso porque também me preocupo constantemente com a professora que quero ser, mas sei que essa preocupação é o primeiro passo para que eu seja a melhor professora possível no momento. Você ainda vai se deparar com uma série de estereótipos da nossa profissão e muitas vezes sentir o peso dele sobre você, mas lembre-se que assim como um trabalho de arte, tornar-se docente também envolve um processo

de criação. Tente criar a professora que te satisfaz e que está aberta e atenta ao outro. E saiba que esse “outro“ nem sempre é o corpo de estudantes. Tenho percebido que minhas maiores dificuldades geralmente são nas relações com o corpo docente e, as hierarquias rígidas e padronizadas, e a burocracia é que está por trás daqueles 45 minutos em sala de aula. Enfim…

Já não sei mais muito o que dizer e espero que tenha contribuído com o teu pensar… talvez colocando ainda mais dúvidas. Fico aberta ao diálogo caso queiras prosseguir.

Te desejo bastante força, paciência e bons encontros!

Um abraço,

L.H.

DE: Julie Silva

PARA: D. M. R.

DE: D. M. R.

PARA: Julie Silva

Julie Silva, artista visual, estudante e futura arte-educadora.

D.M.R., professora aposentada, artista por natureza, amante das cores e da arte da vida.

Querida vó, artista, criadora, professora e mãe,

Fico muito feliz em poder te enviar essa carta, pois tu és minha primeira inspiração nessa profissão em que estou adentrando, agora com mais profundidade. Não apenas artista, mas uma educadora de artes, alguém que pode estender e ampliar esse conhecimento a outras pessoas.

Essa caminhada eu sei que não é fácil para nenhum educador ou pessoa que está caminhando para se tornar um educador. Desde sempre eu ouço relatos sobre as dificuldades que passam os professores em escolas e, mesmo que muitas coisas mudem com o tempo, creio que há certas coisas que não mudam tanto. Me pergunto como deveria ser a época em que você era educadora de artes, trabalhando em uma escola e, mais do que isso, sendo mãe solo. Quando uma pessoa fala sobre sua profissão, muitas vezes as outras pessoas esquecem que por detrás desse profissional existe uma pessoa que tem uma vida, seus problemas, medos, desejos, sentimentos. Por isso, venho por meio desta carta, querer saber um pouco mais dessa mulher, mãe, artista e professora aposentada que é a D.M.R., minha vó.

Se tu puderes me contar um pouquinho, eu adoraria saber um pouco sobre como foi a tua formação em artes, a universidade, as aulas, os professores, os colegas. Eu, agora, me encontro nesse momento pandêmico em que estou tendo aulas totalmente on-line, o que é muito frustrante por um lado, pois eu gostaria de estar interagindo com meus colegas e professores, adoraria poder ter aulas nos ateliês da faculdade, ver os trabalhos dos meus colegas, sentir a vida e o movimento da interação. Mas por outro lado ainda me sinto muito grata em poder ter essa oportunidade de, mesmo que on-line, estar estudando e ter iniciado essa formação. O curso que eu estou fazendo é Licenciatura em Artes Visuais e, além das disciplinas de educação, a grade curricular do curso também tem muitas matérias que passam por diversas linguagens artísticas como a pintura, a gravura, o desenho, escultura e cerâmica, artes digitais, performance... Estou muito curiosa em saber como eram as suas disciplinas e como eram abordadas as diferentes linguagens artísticas, pois sei que já existiram cursos de artes em diversos formatos e abordagens diferentes.

Se puder me conte um pouco, também, como foi sua experiência de, inicialmente aluna de artes, para depois professora de artes, em relação ao contexto político e social da época; eu penso que este contexto tem grande importância para entender melhor pelo que tu passou durante essa profissão. Assim como para mim agora, neste contexto de pandemia, que é o motivo por eu estar tendo aulas neste formato virtual, imagino que o contexto da época em que tu estavas na graduação também teve alguma influência no teu ensino e depois na tua atuação profissional.

Sabe vó, eu me lembro de algumas coisas da minha infância, como da época em que tu e a mãe tinham a lojinha Decorart, lembra? Me lembro de chegar da escola e ficar lá na loja contigo e com a mãe, nos fundos em uma mesa alta, desenhando e pintando em umas madeirinhas que vocês usavam como amostra das pinturas que vocês faziam. Nossa, lembrar disso me deixou um pouco emotiva. Lembro de um momento, não sei que idade eu tinha, que tu me explicava sobre as combinações de cores, sobre as misturas de cores e cores que ficam bonitas juntas. Lembro que durante minha vida inteira eu te vi produzindo artisticamente, mesmo que coisas decorativas para a casa ou costurando lindamente. Queria saber como foi e continua sendo pra ti esse momento de entrar na aposentadoria, sair da sala de aula; quantos anos de profissão tu teve, em quantas escolas trabalhou (isso se for possível lembrar e contar quantas foram).

Outra coisa que tenho muita curiosidade em te perguntar é, se depois de terminar a faculdade tu já começou a dar aulas, como foi a tua atuação na profissão de artista para além da educadora, para fora da sala de aula e como foi essa transição da vida acadêmica para a vida profissional e, também, como eram as incertezas que tu passou nessa profissão, tanto emocionalmente como financeiramente. É tão comum ouvir que tanto artista quanto professor não são bem remunerados, esses comentários me fazem pensar em como profissionais tão importantes pra sociedade são tão desvalorizados, pois muitas pessoas passam pela educação de algum professor ao longo da vida.

Por fim minha avozinha, eu queria te perguntar do que tu mais sentes falta da sua época de faculdade e de educadora de artes. Acho que tu deve ter tanta coisa pra me falar, pois foram tantos anos de experiências na tua vida e te admiro tanto pelas coisas que tu já me contou sobre tua vida. Uma mulher artista, criando praticamente sozinha uma filha em Porto Alegre, tantas dificuldades, quero muito saber um pouquinho mais sobre tuas experiências e vivências.

Da tua neta que te ama muito, Julie.
04/08/202

Minha querida,

Coisa boa saber das tuas experiências na faculdade, que bom que estás gostando do curso, te contarei as minhas experiências também, terei que fazer um esforço para me recordar de tudo, espero poder te ajudar com essa missão. Tive que realizar um trabalho de memória para recordar das coisas daquela época, isto me fez um bem tremendo lembrar da época da faculdade.

Tudo foi um sonho que de repente se torna realidade. Começa e se descortinar algo que de um sonho se torna realidade! Eu era professora concursada de uma escola primária, morando em Viamão e exercendo a profissão de educadora; me deparo com uma realidade bem diferente, viajando diariamente a Porto Alegre, a fim de me preparar para um vestibular na Faculdade de Artes Federal!! Foi realmente um sonho que começou a se descortinar e que a cada dia me tornava mais eufórica, eu me dedicava de corpo e alma. Foi um período em que realmente eu me reencontrava. O meu fascínio me levava a criar e cada trabalho eu me realizava. Era fantástico os professores se aproximando e elogiando tudo o que eu realizava; isto a cada dia me dava a certeza que realmente era esse o meu caminho!!

Foram tantas as experiências que me faziam crescer dia a dia. Eu me realizava dividindo com meus colegas as minhas aptidões. As aulas de geometria descritivas eram muito difíceis, mas uma luz me iluminava e eu tirava de letra e dividia com meus colegas, ensinando todas aquelas dificuldades que lhes afligiam! Eram tão compensadoras aquelas experiências!! E cada trabalho que eu executava mais eu me realizava!

Na oficina de escultura em argila havia milhares de peças executadas e nós tínhamos que escolher cada peça para executarmos, porque uma dentre todas seria a nossa peça que executaríamos no vestibular! Havia uma que cada vez que eu passava por ela eu parava para observá-la! Era encantadora, era um leão alado! Eu a observava com tanta admiração, mas não tinha coragem de realizá-la! Era muito difícil de reproduzi-la e eu pensava não, não vou esculpi-la, eu não vou tirá-la na prova do vestibular que era ponto sorteado e tirava de letra. Mas qual não foi a minha surpresa que no dia da prova do vestibular o ponto sorteado foi exatamente O LEÃO ALADO que eu tirei. Comecei a esculpi-la e a cada minuto mais eu me apaixonava pelo meu leão. O professor daquela matéria era um grande escultor de Porto Alegre. E ele passava a todo momento e ficava admirando o meu leão até que chegou o momento que ele parou e se virou para mim e falou - ESSE LEÃO só falta rugir! Foi o elogiou mais prazeroso da minha vida!! Foi a minha maior surpresa quando soube da nota 9,33. A maior nota que ele havia dado de todos os vestibulares!

As provas continuaram até que chegou o dia do resultado final! Eu havia tirado o primeiro lugar do vestibular!! Isto me deu muita confiança para a jornada que estava se iniciando. Eu estava feliz e agradecida, porque todas as minhas colegas que tinham muita dificuldade em geometria descritiva haviam passado, isto me recompensou muito e me deu a certeza que devemos vencer sempre acompanhados, auxiliando aqueles que necessitam de nós!!

Em seguida consegui minha transferência da escola que eu lecionava em Viamão para lecionar como professora de desenho em uma escola de segundo grau em Porto Alegre, Colégio Júlio de Castilhos, na época uma das melhores escolas de Porto Alegre. Foi uma experiência totalmente diferente, pois de crianças eu passaria a conviver com adolescentes e adultos e, simplesmente, eles não tinham vivência com a matéria, diziam que não tinham habilidade. E aos poucos fui conseguindo a transformação. Aos poucos se apaixonaram conseguindo realizar verdadeiras obras de arte! Foi uma transformação no seu dia a dia, pois a arte é uma globalização de nossas vidas. Até a transformação visual era perceptível de como se vestiam, atentando para a harmonia de como se vestiam, a apresentação dos trabalhos, enfim a Arte move toda a nossa vida!!

No início não foi nada fácil, mas a motivação foi tomando conta e era fantástico e muito prazeroso sentir a alegria que tudo aquilo lhes proporcionava! Eles passaram a se admirar pela realização de tudo o que podiam criar e passaram a enxergar tudo de uma maneira diferente e prazerosa. E como vamos crescendo, sabendo que contribuímos para tudo de maravilhoso que podemos realizar e ajudar ao próximo! Eu realmente me realizei perante a vida através da ARTE e como foi um processo de verdadeira doação!!!

O curso da faculdade durou 4 prazerosos anos. No curso que eu fiz entrava Desenho geométrico plano e descritivo, escultura, desenho artístico, pintura, história da arte, xilogravura e outras matérias relacionadas com a arte. Também tínhamos aula sobre o ensino da arte parte teórica. Eu não sei se tu já reparaste que minha sala tem uma Xilogravura que eu ganhei do nosso paraninfo na formatura! Ele era fantástico, sabe aquele professor que não fala quase nada? Pois assim era ele! Ele entrava na sala, ia para o quadro e fazia uma composição artística, expressando o que ele desejava que nós fizéssemos. O homem era um fenômeno, pois todos os alunos entendiam o que ele desejava de nós!!

Quando a C. nasceu eu já era professora de Artes. A questão financeira não chegou a ser uma preocupação, porque estabelecemos um padrão de vida que não vai além daquilo que temos, podemos sonhar e transformar gradativamente em realidade. Quando eu conheci o A. eu ainda não era professora de Artes, eu lecionava em uma escola em Viamão! Quando terminei o casamento, o A. não me ajudava e também não

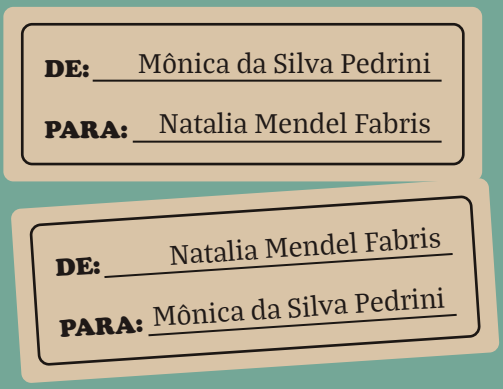
dava pensão para C.. E o apartamento estava em nome de nós dois. E ainda não estava quitado! E se eu entrasse na justiça para ele pagar a pensão da C. ele jamais iria abrir mão da metade do valor do apartamento. Então eu consegui com a mãe o valor que faltava para quitar o apt. Então o campo ficou limpo para mim! O apartamento agora era meu! Bem, aí eu entrei em ação, contratei um advogado e entrei na justiça contra ele, porque não pagava a pensão para a C.! Nossa, o mundo desabou ele virou uma fera pois estava na justiça! A C. receberia a pensão e eu era proprietária do apt.! Se ele pudesse teria me matado! Jamais me perdoou por eu ter sido mais inteligente que ele, mas ganhei um inimigo, mas nessa altura do campeonato eu havia conseguido resolver o meu problema. Jamais me perdoou!!!! Porque um fiscal na posição dele estar na contramão doeu muito e é por isso que não nos damos, jamais me perdoará!!

Apesar do contexto da época que entrei na faculdade e quando virei professora de Artes ocorreu na Ditadura militar e durante a Guerra fria, confesso que não afetava muito, era uma vida muito mais tranquila que a atual!! Eu morava em Viamão saía às 6 horas da manhã, era noite escura e não havia assaltos era uma perfeita tranquilidade, saía esta hora, porque eu estudava em Porto Alegre e levávamos uma hora de viagem!!

Me aposentar fazendo o que eu amo foi muito bom, ainda sinto saudades de simplesmente tudo relacionado à arte, simplesmente eu não tinha dificuldade era um processo tão natural!!! Tudo para mim fazia parte da arte! Porque a arte faz parte do teu sangue! Em todos os momentos de nossa vida ela está presente! Não há distinção! Em tudo tu podes enxergá-la, senti-la! As formas que se esboçam, as cores, os gestos, tudo é ARTE. Eu me aposentei com 15 anos dando aulas e trabalhei nas duas escolas que mencionei.

Tudo era muito prazeroso! Cada momento é único, não existe formas, tudo é espontâneo!! Cada momento é uma descoberta prazerosa! Na arte tudo, tudo é espontâneo!! A gente simplesmente respira arte! Ela é explosiva!! Aproveite muito a vida com esta profissão maravilhosa que te traga muita alegria, minha querida.

Um beijo enorme, te amo muito muito muito!



Mônica da Silva Pedrini, artista, crocheteira, bordadeira e agora professora em formação. São José - SC.

Natalia Mendel Fabris, focada na arte como campo de conhecimento acessível a todos. Florianópolis - SC.

♥ São José, 03 de Agosto de 2021.

Nati, sua linda! Que saudades eu estava de falar com você! Faz tempo que a gente não se fala, mas é tão bom reencontrar as pessoas da nossa época de CEART. A nostalgia bate forte...

Então, cá estamos nós novamente, dessa vez na Licenciatura, mas me conta, quando você descobriu que queria dar aula? Como que aconteceu isso? Porque, sinceramente, durante MUUUUITO tempo eu nunca nem tinha pensado em dar aula, ainda mais para crianças! Mas, pra mim isso mudou depois de aparecer criança na família, sabe, coisa que não tinha. E claro, viver junto com um professor me mostrou esse outro lado. O que te levou a voltar para a Licenciatura? Mesmo depois de tanto tempo, ainda penso que sair de um bacharelado para dar aula seja algo enriquecedor. Conseguir desenvolver tudo que a gente conseguia e agora dar aula, soa como um bom plano. Você consegue conciliar as duas coisas? Dar aula com ser artista? Ou pensa nisso? Essa é uma questão que tem me pegado bastante, sabe, do que eu posso trazer de tudo que eu fiz até agora pra esse novo passo. Você leva coisas do Bacharelado para as aulas? Minha vontade era de levar a prof. Anita numa mochilinha, saudades também.

Agora estou aqui, começando novamente. Me sinto uma idosa tentando me adaptar novamente à faculdade e às aulas remotas. Você passou por isso? É meio estranho pra mim voltar, ainda mais tentando dar conta de trabalhar enquanto estudo, como foi pra você? Você começou a dar aula enquanto ainda estudava, né? Mas confesso que nesse ponto a pandemia me ajudou. Se não fossem as aulas à distância, acho que eu não conseguiria dar conta.

Ai ai, acho que é isso. Difícil escrever assim em vez de ficar mandando zaps e apertando enter depois de cada frase. Mas assim, mesmo que em forma de aula, por meio de uma disciplina, sinta-se fortemente abraçada. E quando tudo isso acabar, acho que uma reunião da galera da nossa época (falando igual velhinha aqui) cairia super bem, hein!

MUITOS, MUITOS, MUITOS BEIJOS, espero ansiosa sua resposta ♥

Florianópolis, 16 de agosto de 2021

Mônica, sua maravilhosa, com essa carta concretizo meus medos de ser péssima respondendo os outros independentemente do meio. Então estou aqui, estacionada na Beira Mar te escrevendo antes de ir dar as aulas infindas das terças. Espero que a Tharci ainda aceite o seu trabalho.

Quanto à saudade, ela é imensa, parece que quanto mais o tempo passa mais saudosa a alma fica e mais falta a gente sente dos cafés, conversas no sofá sarnento e da possibilidade de ser jovem e mais despreocupado. Era bom demais ouvir as nossas risadas pelos corredores do branco e espero que logo essa pandemia nos permita fazer tudo isso de novo, talvez com menos jovialidade, ou com muito mais.

Quando soube que tinhas voltado para Licenciatura eu fiquei muito feliz pelos seus futuros alunos. Tu sempre foste muito tranquila em tuas argumentações e tens uma doçura que vai encantar os pequenos, sei que vais ser grande. E sempre que penso em ti na primeira fase da Licenciatura, tenho flashes meus, aquela sensação estranha de ser a caloura "veterana" dos seus veteranos, é um momento engraçado. Mas, essas adaptações a gente vai pegando e o sentimento foi normalizando. Como está sendo a experiência pra ti?

Imagino que pra ti também tenha sido uma surpresa descobrir o gosto pelo ensino. Nas últimas fases do Bacharel, meus mestres do Pa-Kua me convenceram a dar aula. Eles tiveram muito trabalho lidando com a minha timidez monstra e viram que eu precisava disso. E não é que peguei gosto? Foi nos tatames, dando aulas de yoga que eu percebi o quanto eu gostava de compartilhar as coisas que aprendia. O bom de aprender dar aula num tatame é que viramos freirianas sem nem perceber. O ensino se dá de forma construtiva e sem hierarquias entre instrutor e alunos e isso me cativou. É curioso como quem somos em sala de aula é uma grande soma de todas as partes. A carga do Bacharel, a carga do tatame, a carga de ser uma adolescente tímida e fissurada em desenho, tudo se soma em sala de aula e a gente vira esse grande aglomerado de experiências que se soma às vivências dos alunos. É muito insano e enriquecedor e eu espero que vivas isso.

No meio dessa paixão por estar em sala de aula eu esqueci das minhas produções, acho que estou passando por processos muito profundos e está me dando alguns entraves, tenho vários projetos parados no tempo e acumulando poeira por eu não conseguir conciliar as duas coisas. Como isso tem sido para ti? Acho que é por isso que admiro tanto a Tharci (e tantos outros colegas e professores) que equilibram o ser artista e o ser professor. Estou ainda à procura deste meio termo em que vou dar atenção a essa parte de mim que ficou de lado. Acredito que seja uma fase de adaptação. Trabalhar e estudar

(por um tempo a faculdade e o curso Montessori) foi um desafio IMENSO para um espírito tão vagaroso quanto o meu. Vamos aceitar, eu sou lerda pra fazer as coisas, e isso tudo somado ao início da pandemia se tornou bem pesado. Mas com um bom suporte em casa e na faculdade as coisas se tornam possíveis (e aqui eu agradeço infinitamente à esposa-deusa e à orientadora dos sonhos). Não vou te dizer que é fácil, mas acrescentou muito. Poder dar aulas enquanto está na faculdade te faz enxergar diferente e você pode tirar as dúvidas em tempo real. Por mais que os estágios sejam muito bons, estar em sala de aula diariamente é bem diferente.

Mas por falar em adaptação, que insanidade é essa que estamos vivendo, hein? Eu vivenciei as aulas remotas como aluna e como professora, e gata, que desespero. Foi um susto muito grande e ainda está sendo um desafio. Na escola em que trabalho o ensino tem sido híbrido, então tivemos todos que aprender a dar aula pra telinha, virar youtuber e aprender a mexer em MUITAS ferramentas educativas. Mas eu também vou pelo teu olhar, acho que esse baque tenha servido como um propulsor para que a gente nunca se acomode. Pra ficarmos alertas que a gente tem que estar sempre pronto para mudanças.

Sei que temos que estar prontas para mudanças, mas é inevitável querer que algumas coisas se mantenham, né?! Poder retomar esse contato entre a gente e tornar mais vívido o tempo do Bacharel tem sido ótimo. Espero que a gente possa se ver em breve, vacinadas, verdinhas e vestidas de Cuca. Estou MUITO feliz por ter recebido essa carta e espero que possamos continuar a nos falar assim. Espero que você aproveite e se delicie da Licenciatura e que seja um trajeto muito rico.

Com muito carinho,

Na

DE: Eschley Ferreira

PARA: Priscila Anversa

DE: Priscila Anversa

PARA: Eschley Ferreira

Priscila Anversa, professora de Artes, otimista, acredita na potência do ensino e é ávida pela emancipação humana. São José - SC.

Eschley Ferreira (Pagu), apaixonada pela educação infantil e pelo potencial de mudança da sociedade através da educação, principalmente desde cedo. Florianópolis - SC.

(À Priscila, 03 de agosto de 2021)

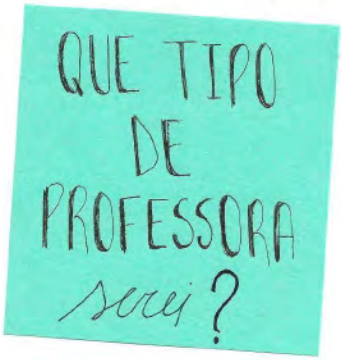
Ai, Pri, talvez isso não dê certo e acho importante que esse alerta esteja presente na primeira linha para evitar futuras decepções com essa carta, tanto por minha quanto por sua parte. Já despendi diversas horas, durante vários dias, em frente ao computador, olhando pela janela, sem conseguir escrever uma linha (mesmo com a cabeça girando de questões). Já estou lhe dizendo isso, antes de tudo, pois acho imprescindível que sejamos sinceras para que tenhamos uma conversa verdadeira. Não espero com essa carta que me dê conselhos de contos de fada, nem que amenize fatos pensando em não me apavorar. Quero ser apavorada, desde que por verdades. Se for necessário o susto, o choque, quero sentilo. Não vou sair correndo, ou caso saia, pode saber que voltarei com passos ainda mais fortes. No entanto, também espero não a amedrontar com minhas palavras, quero que se sinta confortável para compartilhar comigo aquilo que bem querer, ou não compartilhar nada, se for seu desejo. Estou começando a perceber que a sua leitura deve estar um tanto quanto confusa, sendo que ainda nada expliquei, mas não é assim que se dá a vida? Descobrimos o que vai acontecer apenas quando acontece, não recebemos um manual de instruções ou avisos antes de bater com o dedo mindinho do pé em uma pedra.

Quando a Tharci falou que precisaríamos escolher um professor para escrever uma carta sobre nossos desejos, receios e questionamentos, logo pensei “Tem que ser pra Priscila”. Para quem mais eu poderia escrever? Você foi a primeira professora que me deu aula dentro da licenciatura, enquanto eu ainda nem tinha decidido realmente continuar no curso. Você que me ouviu dizendo na primeira aula que nunca daria aula para crianças, antes mesmo de eu me descobrir completamente apaixonada por lecionar para os pequenos. Você me fez pensar o que realmente significa escola e, consequentemente, mudou a forma com a qual vejo a educação. Você me conseguiu uma bolsa de Residência Pedagógica ainda na segunda fase e me fez perceber que realmente é isso que eu quero. Agora eu estou aqui olhando pela janela, para a palmeira do condomínio ao lado (coisa que faço com frequência quando preciso pensar), pensando em como fazer isso sem que me perca escrevendo em meio ao choro. Juro que eu pensei que seria fácil escrever para você, mas me percebi extremamente ingênua com esse

pensamento. Não sei bem como isso vai se dar e que caminhos essa carta vai tomar, porque a escrita é assim, como o pensamento, toma vias inusitadas e nos leva a lugares nunca imaginados. Talvez isso tenha certa similaridade com a licenciatura.

Ansiosa como sou, já estou a balançar incessantemente a perna, nervosa por como começar a dizer tudo aquilo que já tinha decidido falar e que agora me foge da cabeça. Estou preocupada também, Pri, com o tamanho dessa carta, visto que meus receios e questionamentos são tantos; meus desejos não são muitos, no decorrer da carta você vai compreender, mas sei que não se enquadram em fáceis. Desde já, acho importante lhe dizer duas coisas: a primeira é que não se sinta coagida a responder todas as minhas perguntas, sempre fui questionadora e aprendi tanto que nem sempre encontramos respostas quanto que, às vezes, elas demoram a nos encontrar; já, a segunda é que se acomode e, caso necessário, não leia a carta toda de uma vez (eu mesma estou levando dias para escrevê-la). Não estou me prendendo à quantidade de páginas enquanto escrevo, que sejam quantas sobrarem ao final, porque essa carta é um desabafo também e tem como principal objetivo desencadear a reflexão. Dizer as coisas em voz alta (ou, nesse caso, escrever para você) faz com que se tornem mais reais. Acho que eu preciso dizer e ouvir algumas coisas para perceber que realmente são reais, Pri, porque por enquanto tudo parece tão difícil e não sei se é apenas coisa da minha cabeça. Preciso saber o quanto eu tenho que me preparar.

Como foi para você começar a lecionar, no momento que saiu da teoria e realmente entrou na prática? Porque admito que para mim foi meio apavorante. Não digo que foi o ato de lecionar em si ou as crianças que me assustaram, mas sim a percepção palpável do quão difícil é dobrar o sistema. A faculdade muitas vezes (não sempre) nos faz ver a educação como algo maravilhoso. Conhecemos na teoria tudo que ela pode e deveria ser e, quando entramos realmente na sala de aula (no meu caso de forma online), o curativo é arrancado de uma vez só e percebemos a dor da realidade. Como você fez para não desistir de dar aulas, estando dentro de uma educação moldada e agenciada pelo capitalismo, constantemente tendo que se esgueirar do sistema para fazer o que você sabe que deve ser feito e não o que mandam você fazer? Sei que é uma pergunta complexa, longe de mim achar que exista uma resposta correta ou uma receita para isso, sei que é algo complicado e constante, mas vai que você tem alguma dica. Não pretendo nem vou desistir, inclusive esse é exatamente o tipo de professora que quero ser (meu famigerado desejo, que citei no início da carta): uma professora que não desiste. Mesmo compreendendo as dificuldades de ser uma professora que enquanto leciona dentro de um sistema, luta para derrubá-lo, cada vez mais sei que estou no caminho certo. Por mais que seja



difícil e muitas vezes eu ache que vou enlouquecer, sei que é algo necessário e que eu preciso fazer, pois não posso aceitar que a educação continue a ser apenas o que o capitalismo permite.

Mas tudo bem, ninguém me disse que seria fácil, só não me avisaram que durante o penoso caminho eu passaria por uma pandemia e teria que conciliar tudo. Me sinto incapaz de não suspirar quando penso como esse meio remoto vem piorando e dificultando as coisas. Chega a ser complicado pensar o que seria diferente se eu não tivesse iniciado a licenciatura juntamente com a instauração de uma quarentena e todos os demais efeitos que a pandemia criou. Como foi com você, Pri, durante a sua graduação? Como eram seus questionamentos? Alguns se resolveram ou todos persistem em um cantinho da sua mente? Em algum momento as coisas melhoraram e você se sentiu mais segura e confiante? Mais questionamentos e receios surgiram durante a pandemia? Eu não tive a experiência (como outras pessoas do curso) de lecionar no pré-pandemia, de passar por essa experiência. Estou tendo apenas esse presente incerto no meio da pandemia, sem saber no que a educação está se transformando e como tudo vai ser quando as coisas "passarem", nem para o que me preparar. Dessa forma, venho tentando me preparar para tudo, mas sinto que não é possível. Me parece, sempre, que posso passar décadas tentando me preparar e nunca será o bastante. Em algum momento você realmente começou a se sentir preparada para enfrentar sozinha as inúmeras surpresas que a sala de aula pode proporcionar? Alguma hora a gente fica mais preparada para o momento em que dirigimos uma pergunta aos alunos e recebemos um doloroso silêncio de volta? Confesso que esses momentos me doem muito, mas talvez seja apenas falta de preparação.

No entanto, muitas vezes me pego pensando, como ter tempo? Como arranjar tempo para tentar me preparar ainda mais? Como ter tempo para tudo que quero? Como ter tempo para ser estudante, professora e artista? Em alguns momentos me pego refletindo, ser uma professora competente implica deixar minha produção artística em segundo plano? Porque parece que faltam horas no meu dia, dias na minha semana e semanas no meu mês. Além, é claro, do dinheiro que também vive faltando, pois a residência é incrível, mas não paga quase nada. Mas como correr atrás de emprego (que vem sendo uma necessidade cada vez mais latente), com a faculdade exigindo tanto, tentando me tornar uma boa professora e me esforçando para não

abandonar minha produção artística? Isso me deixa muito angustiada (para além da ansiedade), pois me esfrega na cara a terrível realidade de que a dificuldade vai muito além de apenas ser uma professora dentro do capitalismo, lutando para acabar com ele (coisa que já não é moleza). Também é muito difícil ser licencianda e, literalmente, sobreviver dentro desse sistema. Para além de todos os malefícios que o capitalismo emprega na educação, ele também molda nossa rotina de forma a nos vencer também pelo cansaço. Estou sempre correndo, pensando no que preciso fazer depois e isso me dá raiva! Lembro de quando Kopenawa[3] diz que

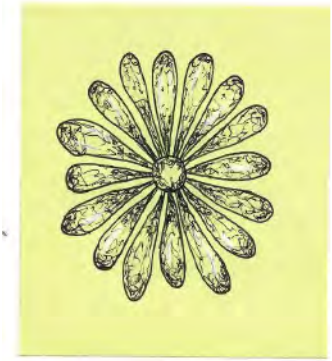
> Eles estão sempre impacientes e temerosos de não chegar a tempo a seus empregos ou de serem despedidos. Quase não dormem e correm sonolentos durante o dia todo. Só falam de trabalho e do dinheiro que lhes falta. Vivem sem alegria e envelhecem depressa, sempre atarefados, com o pensamento vazio e sempre desejando adquirir novas mercadorias.

Fico extremamente enraivecida quando percebo o quanto da minha vida o capitalismo controla e o quanto dela ele rouba. Eu sei que dentro de um sistema, tudo é cooptado por ele, mas quando paro para pensar que nem meu sono é mais meu… Até meus sonhos muitas vezes são voltados para as tarefas que ainda tenho que fazer. Sinto que não vivo mais o agora, mas sim que ele me faz viver um tempo imaginário, anterior ao futuro, mas de certa forma já dentro dele. E isso, frequentemente, me frustra demais, pois se não consigo controlar minha própria rotina ou me apropriar do meu próprio sono, como vou conseguir fazer a diferença na educação de outros seres sendo apenas uma professora dentre os vários que eles terão? Eu sei que não é tão simples, é tudo muito mais complexo que isso, mas "a razão nasce da emoção e vive de sua morte"[4], não é Pri? Acho que me falta matar minha emoção mais vezes para ouvir com mais clareza o que diz minha razão.

Falei que minha mente era carregada de questionamentos, receios e angústias… É até um pouco estranho colocar tudo isso para fora, mas sinto que, mesmo talvez não compreendendo tudo, você provavelmente vai entender alguns dos meus sentimentos. Eu fico muito triste (e só de começar a pensar nisso já fico com vontade de chorar) que nossos caminhos dentro da sala de aula se desencontraram, mas espero que se encontrem novamente fora dela, pois sinto que ainda tenho muito a aprender com você. Não vou me prolongar nesse assunto para não começar a chorar, nem te deixar triste, mas, por mais que tenhamos convivido pouquíssimo tempo, saiba que sou muito grata pelo conhecimento que compartilhou comigo.

[3] KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami.** Editora Companhia das Letras, 2019. p. 436.
[4] DANTAS, H. **A infância da razão: uma introdução à psicologia de inteligência de Henri Wallon.** São Paulo: Manole, 1990.

Espero que se sinta confortável para me responder, se possível com outra carta (escreva do jeito que se sentir mais confortável). Admito que não sei bem como encerrar essa escrita, pois na minha cabeça ela deixou muitas reflexões em aberto que persistirão para além dessa atividade. Também não espero encerrar a carta com um fim, pois não quero que encerremos nossas conversas, desejo que ainda muito possamos dividir. Contudo, como é necessário para o exercício que seja feita uma conclusão, escolho utilizar essas últimas linhas para agradecer seu tempo até aqui, sua leitura e as possíveis reflexões que pode ter feito com base em minhas palavras. Você está no caminho certo, Pri, é uma pessoa incrível, uma ótima professora e me inspira a seguir lutando esse caminho também. Por mais que eu ame escrever cartas, aguardo o fim da pandemia para que possamos dividir mais conversas pessoalmente (de preferência em um bar kkkkk), pois escrever essa carta foi bem mais difícil do que eu esperava.



Beijos, Pagu. 🤎

Olá, Pagu!

Se te conforta saber, eu também hesitei muitas vezes ao iniciar essa carta. Para mim, começar algo sempre é a parte mais árdua do processo. E a mais decisiva. O primeiro parágrafo, o primeiro planejamento, a primeira aula, (...). Nada mais perfeitamente análogo à interrogação sobre *o tipo de professora que somos ou seremos* do que a reflexão sobre começos. Não é uma questão sobre fins, mas sobre inícios e meios. Afinal, a que lugar chegamos quando chegamos a um fim? Acho que chegamos a um começo, novamente.

Pode parecer delírio meu, mas essa digressão é sobre ter clareza, agora, de que toda vez que encerramos algo, seja uma escrita, uma aula, uma conversa, etc., saímos carregadas de novas questões e de novas possibilidades sobre aquilo que acabamos de fazer. Saímos prontas a começar tudo de novo, tudo outra vez.

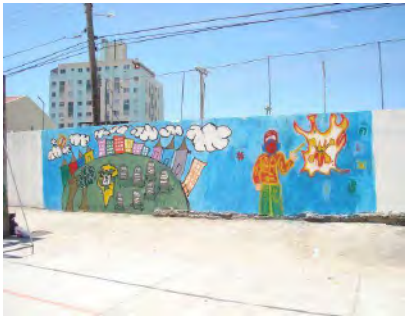
Avançar e recuar, escrever e apagar, errar e acertar, tudo isso corresponde aos desassossegos de nossa profissão. Colocamos muita responsabilidade sobre ela, depositamos o peso do mundo na educação. E como somos excessivamente vigiadas, julgadas, avaliadas, nos empenhamos em fazer mais ou a mais. Por isso, responder quem somos ou quem seremos, enquanto docentes, parece ecoar em tom de clausura e não de liberdade.

Acho que não tem uma data marcada para percebermos quando estaremos prontas para começar. Em nossa profissão, a formação é constante. Tem até a formação continuada. Algumas vezes acontece de forma deliberada, outras vezes não. Todavia, refletir sobre que tipo de professoras somos/seremos incide em pensarmos sobre as escolhas e os caminhos que adotamos. Evidenciamos, com isso, nossas filosofias, nossas crenças, nossos modos de pensar, de atuar, de planejar. De galgar o *Eldorado*.

Eu comecei bem antes de estar pronta, em plena 3ª fase do curso, no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) da Prefeitura de Florianópolis. Havia vaga no Dom Orione, uma ONG próxima de minha casa. Lá fui eu, ávida por levar a arte para aquelas crianças, mesmo sabendo que minha função não era exatamente essa, mas monitorar as famílias contempladas do Programa. Elas tinham carências das mais inesperadas, assim como aquela instituição. Eu fazia um pouco de tudo: buscava insumos e doações, separava materiais, levava as turmas para o ginásio, ou para o pátio, ou para o refeitório. Quase sempre atuava como apoio pedagógico e, poucas vezes, ensinava arte. Essa experiência – que durou menos de um ano e meio – não chegou nem um pouco perto de me revelar a dimensão política do ensino de arte. Também não me aproximou das concepções pelas quais hoje tenho lucidez. A prática não faz isso sozinha, tampouco a teoria. Mas posso afirmar sem rodeios que faltou política em meus estudos. Seria de grande valia problematizar criticamente naquela época aquela experiência.

No mesmo ano do PETI ingressei como docente numa escola particular de Palhoça. Uma escola pequena, de bairro, de contexto de pescadores na Barra do Aririú. Com meus 21 anos, eu era a professora de Artes do Fundamental II. Já me sentia um pouco mais pronta. Lá, pude experimentar a primeira grande inquietação e contradição da profissão: a ideia de que pouca idade é, na docência, sinônimo de incompetência. Dizem que bons professores são mais velhos, mais experientes e sábios. Curiosamente essa máxima pairou em mim e persegui meios de refutá-la. Fiz aliança com a teoria da arte e seu ensino. Quis dominar tudo para ter argumentos certeiros a todo e qualquer tipo de discurso, especialmente sobre os que depreciam nossa área. Fiquei todo o ano letivo de 2005 nessa escola e decidi pedir as contas.

No ano seguinte ingressei numa escola do estado em São José, como ACT. Marcante vivência. Não muito diferente da anterior quanto aos desafios, porém parecia ter mais autonomia. Atuei no Fundamental I e fiz um dos Estágios do curso nesta escola, com uma turma de 7º ano. Projeto incrível sobre Grafite. Pintamos um muro. Era a época do *Mensalão*, que acabou ficando estampado na escola. Inesquecível.



Registros do grafite com o 7º ano, na EEB Aldo Câmara da Silva. Fonte: https://www.artenaescola.org.br/galeria-dos-alunos/?id=64518/#!/64517

Eu não soube orbitar sobre o mar de questões políticas implicadas naquelas propostas que os alunos traziam. Achei apenas fantástico. E foi, de fato. Mas faltou, mais uma vez, teoria política. Careciam de debates nestes âmbitos no espaço de formação.

Em 2007 iniciei numa escola privada de São José, na qual fiquei até o ano de 2018. Lembro de uma fala peculiar na entrevista: "os alunos amam as aulas de artes, porque é o momento em que eles relaxam". Eu rebati. Discordo dessa perspectiva. Descaracteriza a nossa área, uma vez que escola não é espaço de terapia. Ensinar arte é absolutamente maior do que usar o fazer artístico para um fim em si mesmo ou retórico. Naquela ocasião, eu sabia que não estava pronta, ainda. Mas estava mais preparada, mais segura. Jovem e destemida em plena 7ª fase do curso. Dessa experiência surgiu o TCC, intitulado "Senhores pais: arte não é decoração." Investiguei a compreensão das

famílias sobre o conceito de arte e sobre o ensino de arte, motivada por testemunhar um contexto em que a arte tinha função decorativa e terapêutica.

Pintura em tela com 5º ano de 2012. Fonte: arquivo pessoal

No MASC, em 2013, com uma turma de 3º ano do Fundamental I. Fonte: arquivo pessoal

Depois desse recorte sobre algumas experiências dos meus 16 anos na Educação Básica, pude rememorar poucas das muitas coisas já vividas, Pagu. Foram 12 escolas, em diferentes contextos, épocas, maturidades e fases. E somente foi possível reviver este percurso nessa escrita, assim como só foi possível chegar até aqui onde me encontro profissionalmente, compreendendo que teoria e prática são inseparáveis. Nossa profissão não se faz de uma ou de outra, mas da indissociabilidade de ambas. Creio que me vi pronta quando entendi a práxis.

Além do mais, existem caminhos e meios de estarmos preparadas para o que vier. E isso se faz com boa formação inicial, ou seja, com estudo e qualificação das experiências docentes. A meu ver, a qualidade na docência é necessariamente relacionada à formação inicial. Sem esquecer, é claro, da necessidade de afiar nosso senso de coletividade, nosso movimento em grupo, nosso engajamento à comunidade que pertencemos, a qual possibilita pensar nossas reivindicações e cimentar os debates sobre nossas experiências.

A educação é fantástica, no sentido de ser a porta de entrada para a compreensão (crítica e consciente) do mundo, e não porque ela resolve os problemas dele. Concebe-la desse modo é

insano, e cínico. Nunca me furto de pensar em como transpor essa barreira, em como podemos, pelo ensino (de arte) transgredir o sistema, o mundo e nossa (sobre)vida.

No Museu do Ovo, em 2012, com a ilustre Eli Heil. Fonte: arquivo pessoal

A mudança, como diz Gramsci, ocorre no plano da ação. Ideias não se negam (apenas) com ideias, mas com luta. Só que para isso, é preciso entender o processo dessa ação, desvelar os fenômenos da realidade e saber o caminho.

Isso foi o que indiretamente me motivou a não desistir da docência, por acreditar na força da educação e na força da arte. Noutras palavras, na força da humanidade. Do ser humano. Quando jovem professora, eu pensava que a arte era o caminho. Que era a falta dela ou a debilidade de seu ensino que tornava a educação e o mundo, de modo geral, empobrecido. Hoje, com mais bagagem, entendo a dinâmica que opera tanto no ensino quanto na criação artística. Não sou mais aquela romântica visionária, embora seja veementemente ambiciosa pela possibilidade de suplantar o sistema. Importa lembrar sempre que nosso trabalho é pelos alunos, e ter ciência do horizonte, a meu ver, é essencial para não esmorecer. Ter coragem também.

Quanto às minhas questões durante a graduação, eram basicamente sobre como fortalecer nossa área, destitui-la da "fazedura de enfeites" e evidenciar isso, através do ensino de qualidade. Isso pouco a pouco foi acontecendo e chegou um ponto em que não era mais um problema. Os questionamentos passaram a ser mais centrados no coletivo, no sentido de pensar o futuro de nossa área a qual dia após dia é estremecida, é desafiada quanto a sua permanência no currículo. Claro que, no fundo, essa é a mesma questão de antes: é ainda sobre a importância da arte, a importância do ensino de arte e a função desses.

Acredito não ter como seguirmos seguras de que as coisas estão melhores, porque as conquistas são apenas aparentes e constantemente ameaçadas. No entanto, eu me sinto mais preparada. Mais armada. Este momento chega, Pagu. Mas não por causa dos anos que passaram e da experiência

agregada, mas porque eu estudo. Eu sei que é um privilégio. Sei que conciliar trabalho e estudo é algo raro e até quimérico. É uma realidade impraticável para a maioria dos professores. Justamente por isso jamais coloco neles este fardo. Nossas carências e debilidades não podem ser individualizadas. São problemas estruturais, que decorrem de uma formação inicial precarizada, escamoteada. Por isso releva sabermos quais interesses estão em jogo e como esse jogo é jogado.

Considero indispensável discutir e analisar tudo o que circunda a educação, a arte e a política, porque não basta a prática, o cotidiano, a realidade árdua, os problemas e a vivência para elevarmos verdadeiramente nossas consciências sobre o mundo e apreendê-lo. Precisamos nos voltar à teoria. Sempre. E isso, Pagu, é preparação. É lembrar que este tempo em que estamos elaborando nossas aulas, já estamos sublimando nosso trabalho. Para mim, essa é a boniteza do ensino. Essa partilha que não é à toa, fortuita. Que não é dom, nem heroísmo. Mas que vem de um corpo consciente que objetiva suas forças essenciais, que produz uma nova forma de relação, que produz humanidade, que produz sociedade.

Em 2010, registros de grafite com Ensino Médio. Fonte: arquivo pessoal

Todos os espaços que mobilizam leituras e conversas são excelentes maneiras de "ganhar" tempo nessa jornada da preparação para a docência. Assim, aprendemos inclusive a entender o aluno e seu silêncio, como você comentou; a lidar com isso sem personificar um problema que não nos diz respeito, porque é estrutural. E como você bem pontuou, razão e emoção disputam atenção nesses momentos, mas o importante é compreender a hora de recuar e a hora de avançar. E se for muito pesado, não abrace. Não permita. Mas se houver, no fundo, uma chance mínima de ser aquilo que você quer e acredita, siga. Vá até as últimas consequências. Até as últimas possibilidades e confie verdadeiramente no seu trabalho. E mire bem longe. A formação inicial nos possibilita isso mais do que qualquer outra instância. Agarre, Pagu, tudo o que puder, sejam as disciplinas curriculares, os cursos, as *lives*, as residências, os grupos, (...).

No Museu Oscar Niemeyer (MON), em 2013. Fonte: arquivo pessoal

Olhando hoje para a minha trajetória profissional posso declarar: eu faria tudo de novo. Faria duas, três vezes a Licenciatura em Artes Visuais. Meus primeiros alunos hoje são profissionais formados, gentes grandes. Muitos lembram as nossas trocas, as nossas aulas, sempre com gratidão, com nostalgia, com sorriso na face. Isso não tem preço. O esforço vale, mesmo que seja uma fagulha. E por isso mesmo afirmo a você, que nossos caminhos nunca mais vão se desencontrar, Pagu, e essa carta simboliza perfeitamente isso. Finalizo com Saint-Exupéry, ainda que seja clichê e até mesmo banal, parece-me extremamente certeiro nesta troca literária aqui estabelecida: “Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”.

Um abraço carinhoso,

Priscila

DE: Carolina Daudt Stein

PARA: Janaína Corá

DE: Janaína Corá

PARA: Carolina Daudt Stein

Carolina Daudt Stein, 20 anos, estudante de artes visuais - descobrindo a potência do criar.

Janaina Corá, possui experiência de 23 anos como professora de arte em escola pública no ensino básico. Dedica seus estudos em metodologias para o ensino da arte, e pesquisas em Artes Visuais, em pintura, desenho, instalações, fotografia e objetos.

Foram diversas as formas que pensei em como escrever pra você. Não entendia direito como começar e não descarto a possibilidade de ainda não ter entendido, talvez esse seja outro rascunho, que pode ser que eu use futuramente em outra tentativa de escrita. Ou não, pode ser que ele apenas acabe por aqui. Também pode parecer clichê de início e possivelmente seja mesmo. Mas acredito, que muito do que tenho a dizer é sobre encontros, daqueles não muito profundos, porém marcantes. Encontros inusitados, quando algumas pessoas atravessam com nosso caminho e causam uma sensação de presença eterna. Das quais provavelmente serão lembradas em alguma conversa cotidiana, é possível até dizer que essas pessoas soam como referências inconscientes que, de alguma forma, preenchem um vácuo que havia até então.

Confesso ter ficado para além de feliz quando você disse que claramente se lembrava de mim. De certa forma isso é algo que eu nunca espero, principalmente de pessoas com quem eu tive apenas alguns encontros. Mas é preciso admitir que antes mesmo de termos qualquer espécie de troca e conhecimento mútuo uma da outra, eu já idealizava as possíveis aulas que poderia ter contigo. Durante alguns inícios de anos letivos, lembro de pensar "será que é dessa vez que vou ter aula com a Janaína?". Para minha decepção, nunca era. Me recordo de passar muitas vezes na frente da sala de artes e, com a porta aberta, ver outra turma sentada ao redor de uma única grande mesa e desejar estar lá junto. A curiosidade era tanta de saber como realmente era uma aula sua, que eu poderia só entrar na sala e ficar de canto observando.

Finalmente esse momento chegou, com ele também a última chance de ter a experiência de ser sua aluna. Era 2018. No terceirão. Tenho *flashbacks* da sua primeira aula, você havia abordado assuntos relacionados à pop art, cultura de massas e consumo. Intenso. Provavelmente eu tenha saído daquela aula com mais dúvidas do que esclarecimentos. Acho que nesse estágio da vida estamos cheios de descobertas, é nesse momento do ensino médio que sinto que estamos mais suscetíveis à compreensão sistemática de imposições sociais. Abordar assuntos como esse, com quem está constantemente mais atento às diversas realidades que existem simultaneamente na sociedade, pode causar grandes impactos. Lembro de ter acabado aquela aula e eu ter virado para a cadeira de trás, conversar com minha amiga e ex-colega, Juliana, criticando juntas o capitalismo e trazendo pro consciente todas as falhas que nele existem.

De certa forma, é isso que venho descobrindo nesse primeiro semestre: como engajar politicamente os alunos no decorrer das aulas de arte? Penso que são diversas as maneiras de fazer isso acontecer, porém, analisando outras experiências pessoais e a padronização do ensino de arte da educação básica, é muito comum observar um distanciamento entre o indivíduo e a arte, como se ela estivesse acima do povo, fosse algo inalcançável e intocável, algo para poucos. Quando na realidade, sabemos que não é assim. Sabemos que os artistas não são somente aqueles homens europeus que

pintavam quadros realistas e que já faleceram há centenas de anos. Sabemos, também, que na contemporaneidade, a arte está cada vez mais híbrida, atravessando todas as possíveis linguagens visuais e outras linguagens de expressão. Poucas foram as vezes que senti proximidade com a arte depois do quinto ano do fundamental (pois durante os anos iniciais do ensino fundamental eu estudava no SESC, onde havia galeria de arte, teatro e regularmente usufruíamos desses espaços), no entanto foi nas suas aulas, mesmo sendo em escola pública com muitos alunos e enfrentando todas as dificuldades materiais de proporcionar um ensino de qualidade, que pude reatar esse laço com a arte, desenvolvendo cada vez mais o olhar artístico na contemporaneidade.

Esse desenvolvimento e aproximação com a arte foi rompido logo após o primeiro bimestre de 2018. Uma perda. Após anos e anos desejando ter aulas contigo, eu mudei de escola por questões pessoais que acredito não ser tão necessário comentar aqui. Lembro de ter pensado muito sobre isso, se valeria a pena ou não, e um dos motivos de eu pensar tanto nisso, era pelo fato de perder a oportunidade de ter aulas contigo. Deixar para trás todas as experiências que eu poderia ter. Aconteceu. Rompi com esse contato e o restante do meu terceirão não foi tão proveitoso quanto poderia ter sido, isso se tratando das aulas de arte. Durante muito tempo e até mesmo após me formar no ensino médio, lamentei ter perdido essa oportunidade, eu via amigos compartilhando nas redes sociais as produções das atividades passadas em sala de aula por você e aqueles pensamentos de desejar estar em suas aulas voltavam à tona. E confesso que constantemente acabo criando cenários fictícios na minha cabeça, imaginando o que poderia ter mudado na minha vida se eu tivesse continuado no Bom Pastor. Talvez eu não tivesse cursado dois semestres de letras em 2019 até descobrir que o que eu realmente queria era artes visuais, talvez outros rumos teriam sido tomados. Mas não me arrependo. Compreendo a importância das vivências que passei, cada uma em seu tempo, valorizando meus próprios processos e descobertas... até estar aqui novamente, conversando contigo, mais uma vez cruzando caminhos e tendo você como referência de *professora de artes*. Mais uma vez encontros inusitados acontecendo. E assim espero que continue acontecendo, com futuras trocas de conhecimento e na expectativa de ainda cruzar com você pelo CEART.

Desde quando a professora dessa disciplina apresentou o plano de ensino e comentou sobre esse processo de escrita de uma carta para um professor de artes, meu primeiro pensamento foi em escrever algo para você. Foram tantos os questionamentos que surgiram no decorrer desse primeiro semestre, que a vontade que ten

ho é de sentar contigo e tomar um café, falar de todos os desafios da educação brasileira, das complexidades do ensino da arte, enfim... ter uma troca de experiências com quem tenho profunda admiração. Muito do que tenho pensado se resume em buscar entender qual é a especificidade do ensino da arte? O que a torna única? No momento, penso que é uma resposta que vai sendo construída

ao longo da nossa formação, assim como ela pode passar por transformações e desdobramentos. Os documentos que regularizam o componente curricular de arte falam muito sobre essa disciplina desenvolver a imaginação e capacidade de criação e expressão, mas isso é exclusivo da arte? Não consigo pensar que sim, uma vez que considero a imaginação e a criação processos ontológicos, portanto, inerente ao ser, ou seja, é algo exclusivo do ser humano e se estende para outras disciplinas tanto quanto se estende para a arte. Então superando os conceitos desses documentos (Parâmetro Curricular Nacional e Base Nacional Comum Curricular), qual seria a potência do ensino da arte?

Adentrando ainda mais nessa análise de regulamentações do ensino da arte, tento redirecionar minha compreensão dos documentos, buscando entendê-los não como um resquício da polivalência, mas sim como uma atualização para as teorias de ensino da contemporaneidade, onde as diversas linguagens artísticas se atravessam e se complementam. Tenho muitas inquietações a respeito disso [muitas mesmo]. Como tornar viável a presença das quatro linguagens artísticas na educação básica do Brasil em um único componente curricular? Considerando as realidades materiais de inúmeras escolas públicas, a carga horária da disciplina e a formação dos educadores, que normalmente são formados em uma das únicas áreas... como assegurar o direito que o aluno tem de estudar estas áreas do conhecimento sem cair em um ensino raso e polivalente?

Por outro lado, tenho certeza que ocupamos espaços desafiadores e de muita luta em busca de políticas públicas para que possibilitem meios de assegurar os estudantes de seus direitos, assim como os direitos dos professores, visando as nossas valorizações. E aqui me colocando como futura profissional da educação. A situação brasileira nos últimos anos vem nos desestabilizando e nos desmotivando cada vez mais, longe de querer romantizar esta luta, mas acho que é preciso ter muito apreço pela vivência na sala de aula e pela troca com os estudantes, buscar motivações nessas relações que são construídas ao longo dos anos na docência para seguirmos firmes. Enquanto não há políticas públicas que correspondam ao que é proposto pelos documentos curriculares nacionais e, portanto, precisamos nos mobilizar para essa viabilização, fico pensando... qual seria a melhor maneira de se organizar politicamente em prol da concretização do que é proposto pelo parâmetro curricular para o ensino da arte? Como promover o reconhecimento e a importância de haver um componente curricular específico para artes visuais, artes cênicas, música e dança? Acabando de vez com os possíveis resquícios da polivalência.

Acredito que o início dessa caminhada não seja fácil devido às centenas de questionamentos e descobertas que temos, e bom, considerando o caos político que vivemos, a continuidade desse andar parece se tornar cada vez mais complexa. Será que um dia vamos conseguir dar nosso melhor sem nos sobrecarregarmos? Uma trégua nesta batalha incessante pela educação pública de qualidade? Não sei. Porque para além do contexto político brasileiro, ainda temos que lidar com a tendência global

do neoliberalismo e as novas formas que o Estado perpetua violência contra a classe operária. Ou seja, ainda precisamos ir contra a maré das pedagogias liberais, presentes basicamente em todo o cenário brasileiro. Às vezes, penso que seja até necessário arriscar e desconsiderar os projetos políticos pedagógicos de algumas escolas para pôr em prática pedagogias libertadoras e transformadoras, tentando sempre buscar suas emancipações.

Estudar as correntes pedagógicas a partir de um viés do ensino da arte, acaba nos permitindo adentrar cada vez mais em questões minuciosas relacionadas às problemáticas do ensino e até mesmo do papel da escola como reprodutora do meio que está inserida. Têm sido muito instigantes as descobertas a partir de leituras que fiz ao longo desse semestre, confesso já estar vivendo um misto de sentimento entre estar ansiosa para os próximos semestres, ao mesmo tempo que não quero que essa vivência acadêmica do curso de artes visuais passe rápido. Não vejo a hora também de estar vivendo todas essas complexidades no ambiente escolar, ter meu primeiro contato com a docência e práticas pedagógicas. Inclusive, nesses momentos fico feliz de ter tido uma boa referência como você.

Grata por mostrar em sala as dificuldades travadas enquanto professores-artistas, por apesar das complicações, despertar nossa sensibilidade artística e olhar crítico em relação ao meio em que vivemos. Sei que tens ainda muitas vivências e conhecimentos que podemos trocar ao longo dessa formação e sei que, ainda, há muita coisa que quero aprender contigo, é gratificante poder estar te escrevendo, revivendo momentos do meu ensino médio e reatando um contato que considero influenciador e significativo para minha formação.

Por fim, apesar desta carta ser direcionada somente a você, considero que o que importa para essa luta é estarmos juntos, coletivamente debatendo sobre nossas necessidades e demandas. Portanto, concretizo aqui meu desejo maior em busca da nossa emancipação: professores de artes, uni-vos contra todas as opressões políticas de ensino, uni-vos pelo nosso reconhecimento e pelos direitos dos estudantes de receberem um ensino público de qualidade.

Tentativa número 2 – Carta para Carol

Olha o desastre, essa carta era para ter começado leve e poética, mas aí vem a realidade, meu computador velho e desengonçado, esses de promoção, resolveu que não ligaria mais desde a última sexta-feira. Cá estou eu - com um emprestado. E o outro texto que eu havia começado a escrever para você Carol, se foi, tão bonitinho que estava.

E me chega essa carta tão forte, madura, recheada de dúvidas pertinentes e potências. Confesso!!! Que se eu contribuí um pouco, como você diz, para tantos questionamentos sobre o mundo, eu fico é bem orgulhosa, porque esse é um pouco do caminho, ter mais perguntas do que respostas. Ter consciência da falta e, ao mesmo tempo, estar cheio para seguir.

O meu caminho como professora não é exemplo para ninguém e quero tomar o cuidado aqui em não ser pessimista, ["deixemos o pessimismo para dias melhores"! rsrs.] Porque falar do ser professor no contexto brasileiro é no mínimo complexo.

Mas vejamos, eu só fui fazer mestrado muito tempo depois, com quase 19 anos de experiência de sala de aula e isso tem o ônus e o bônus. Mas comecei a dar aulas ainda cursando a graduação e isso fez muita diferença na minha formação, porque quando você tem que levar a teoria da universidade para a escola, para a sala de aula – aí começam os primeiros questionamentos da vida real!

De certa forma, olhando para trás, eu vejo que ainda estou aprendendo a ser professora, mas que essencialmente é um caminho solitário, de muita pesquisa e experimentação. Sinto o distanciamento que há quando, professores universitários não conhecem a realidade das escolas, quando justamente estão formando professores para estas realidades, que não são simples.

O melhor elogio que eu recebi na vida foi na minha defesa de dissertação de mestrado em 2019. O professor que fazia parte da banca disse que o meu trabalho ia contra todas as concepções na nova BNCC!!! Isso diz muito como é a Jana professora, como é a professora que foi quebrando as convenções e regras de como ser professora e que modelos a seguir não são necessariamente para ser seguidos. Ainda mais quando a disciplina é Arte e a essência é a transgressão. Não estou dizendo para sair quebrando tudo não, mas para questionar tudo sim!

Por isso, reitero a potência da tua escrita! Há uma realidade nos engolindo e ela precisa estar na discussão do pictórico, isso é currículo, as urgências são currículo, que se rompem as barreiras de políticas educacionais e culturais, se elas não são feitas, vividas ou discutidas por quem está verdadeiramente dentro destas realidades, que são as esferas das escolas, da educação básica, pública e de qualidade de que tanto se fala.

[E sim, eu chorei lendo a tua carta, porque eu não sou de ferro, isso compensa muita coisa. Obrigada viu! E obrigada por ter me escolhido para receber as tuas fortes palavras.]

Conte sempre comigo, como profe e como colega de profissão. Até o corredor, Janaína.

Chapecó, 17 de agosto de 2021.

DE: D. D.

PARA: V. L.

DE: V. L.

PARA: D. D.

D. D., personagem de si mesma que gosta de existir e procura caminhos para seguir existindo. Saiu do nordeste e, pela lei da gravidade, se encontra na ilha. E na ilha encontra caminhos, pontes e pessoas.

V. L., apaixonada por ler, aprender e ensinar; gaúcha muito viajada, mas que sempre voltou para a ilha.

Florianópolis, 29 de Julho de 2021

Saudações querida V.L.,

Aqui é D.D, sua colega de bacharelado e, agora, de licenciatura. Soube que você já está dando aulas de arte! Eu, com sorte, daqui a uns bons meses também estarei planejando aulas e conhecendo mais desse universo de dentro da sala de aula como professora. Te mando essa carta, porque gostaria de saber mais sobre o que me aguarda. Gostaria de saber mais sobre como está sendo para você essa experiência (se você puder partilhar um pouco dela comigo), ainda mais agora que estamos enfrentando a pandemia de Covid-19. Agora, que são tempos tão difíceis por essa e também por outras razões.

Sabe, V., algum tempo antes de concluir o bacharelado eu me senti um pouco insatisfeita. Pode soar péssimo dizer isso, mas me senti assim. Talvez, muitos de nós que optamos primeiro pelo bacharelado, tenhamos este sentimento em comum. Não que não tenha sido um curso maravilhoso, não que eu não saia dele com muito mais que um diploma, com conhecimento, referências, experiências e, também, com o coração alargado pelas trocas e convívios que esse curso me proporcionou. Mas fiquei insatisfeita sim, não pelo que foi o bacharelado, mas pelo que não foi.

Antes eu sentia um verdadeiro pavor de me imaginar professora de artes, mas vejo que no fim das contas, acho que esse desejo e essa coragem nasceram em mim no momento certo e cá estou eu, cá estamos nós! Eu posso ter sido arrogante, presumindo que todos sentem o que eu senti, essa insatisfação, quando todos somos tão diferentes uns dos outros. Te pergunto então, para que me digas com suas palavras que já anseio por ler, o que você sentiu? Qual desejo moveu a sua decisão de voltar e fazer a licenciatura?

Mesmo optando por esse caminho agora, às vezes sinto um pouco de medo das minhas expectativas enquanto professora. Medo de encontrar algo muito diferente do que eu espero encontrar, mas medo também de ser uma profissional muito diferente da que eu pretendo ser. Talvez você não sinta essas inseguranças que eu sinto, sei que você já era professora antes do bacharelado em artes, por isso também te escolhi para ser a receptora dessa carta, você que é professora, como é essa experiência? Do ensino de biologia para o de artes, o que você sente de mais diferente? O que você sente de mais próximo?

Eu sei que, como eu disse antes, cada um de nós sente à sua maneira, porque cada um tem sua própria jornada, seus próprios motivos, seus desejos pessoais. Cada contexto que nos abraça é único, parte da nossa experiência que, como disse tão sabiamente Larrosa em suas

"(...) é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca". Dito isso, é sobre a sua experiência enquanto aluna da licenciatura e agora, lecionando artes visuais, que me deixa curiosa. Como foi para você a experiência da transição de aluna para professora?

Eu acredito que, assim como somos todos seres únicos, cada escola também é única, cada uma com seus projetos, com seu contexto, com as pessoas que a integram, com a comunidade que a cerca. O que você pode me dizer da escola, dos alunos, que encontrou? Foram muitas as surpresas? Você teve alguma decepção?

Ultimamente tenho pensado muito em meus professores e professoras, especialmente naqueles da minha infância. Penso no tanto que as coisas mudaram de lá para cá, lembro da escola, de como eu a via e de como eu gostaria que ela fosse diferente. Gostaria de saber como você vê essas mudanças, na escola e no ensino, como você acha que elas serão para as trabalhadoras e os trabalhadores da educação e, especialmente para nós, da arte.

Para tentar evitar tornar a leitura dessa carta uma tarefa exaustiva (espero de coração não ter falhado até aqui), eu vou me despedir agora, V., embora eu sinta que poderia escrever mais umas 20 páginas! De qualquer modo, a minha intenção não é fazer dessa carta um interrogatório e nem um monólogo. Desejo conhecer mais sobre o quê e como tens vivenciado isso de ser professora de artes. O que você puder dividir comigo me fará muito feliz! Espero a sua resposta com um entusiasmo verde de uma aluna recém ingressa nesse universo da arte educação.

Abraços afetuosos e eletrônicos (pelo menos por enquanto),

D.D.

Florianópolis, 10 de agosto de 2021

Querida D.D!

Que gostoso receber a sua carta!

Assim bem do jeito que vc escreveu - como se fosse uma conversa daquelas que temos tanta saudade, de sentarmos juntas com um bom café na cantina do CEART nos intervalos de aula ou desafiarmos aos cochichos o respeitoso silêncio da BU, sentadas naquelas mesinhas redondas.... (risos!)

São tempos pandêmicos muitos difíceis sim... de medos, incertezas e angústias pela nossa saúde e bem estar, e de quem amamos... de revolta e indignação pelo preocupante momento político que nosso país vive... e no nosso curso, pela complexa adaptação que o ensino remoto exigiu, de nós e de nossos professore/as... muitas

síncronas na telinha, onde até falamos e nos vemos (às vezes), mas nunca temos certeza de quem realmente nos escuta e nos enxerga... das mensagens curtas e instantâneas que disparam dia e noite sem cessar nos nossos celulares, deixando-nos exaustos, dispersos e embotados. Tristeza pelos colegas que não podemos abraçar e interagir, pelos ateliês que não podemos frequentar, pelas trocas e convívio que ficaram tão escassos e fragmentados.

Mas acreditemos... tudo isto vai passar!

Como também vai passar – acredite! - essa sensação de insatisfação que vc descreveu, ao concluir recentemente o seu Bacharelado em Artes Visuais.

Menina, fala sério - olha o que vc conseguiu!

Formar-se numa universidade pública, gratuita e de qualidade, numa área de conhecimento (das Artes Visuais) que está muito longe de ter a devida valorização social e cultural (para não falar em incentivos e oportunidades de atuação) e, ainda por cima, em plena pandemia!

Isso não é pouca coisa, não, querida! E tenho a certeza de que os méritos por esta conquista são totalmente seus – do seu empenho, esforço, motivação, determinação e criatividade! (não ignorando, claro, que vc também deve ter contado com uma carinhosa rede de suporte afetivo, que é indispensável na vida da gente)

Então, justamente por perceber (e admirar!) o quanto vc foi fiel e respeitosa aos seus desejos e projetos de vida, ao escolher se dedicar às Artes Visuais, é que posso lhe afirmar que não estranho nadinha seu retorno para a Licenciatura.

Pois reconheci na sua frase – "...esse desejo e essa coragem nasceram em mim no momento certo e cá estou eu, cá estamos nós!" um momento da minha trajetória pessoal em que fiz, também, a escolha por me tornar professora (de Biologia, como vc sabe). Era uma disciplina que eu adorava

no meu ensino médio, pois além de ter tido excelentes professores em colégios que contavam com ótimos laboratórios e bibliotecas, a Biologia me acionava muitas curiosidades e vontade de aprender mais.

Considero importante situar o contexto de minha escolha, naquela época, final dos anos 1970: a Ecologia e as Ciências Ambientais recém estavam se legitimando como campos de conhecimentos. Assim, os cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas (pois ainda não existiam os Bacharelados) estavam em plena expansão, e eu tive o privilégio de poder cursar aquele que era oferecido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, até hoje uma das instituições de referência na formação de Biólogos.

Muitas décadas depois e após ter finalizado um longo percurso acadêmico como docente e pesquisadora no ensino superior (justamente na área de formação de professores de Biologia), retomei minha condição de aluna, agora nas Artes Visuais. Exercitar minhas próprias dimensões criativas e me instrumentalizar para a atuação em atividades relacionadas ao acionamento terapêutico de sensibilidades (através da Arteterapia) foram minhas motivações iniciais para entrar no curso – mas mal eu podia imaginar o universo de possibilidades que se abriria!

Neste sentido, e respondendo uma de suas perguntas, acredito não haver muitas diferenças entre o modo pelo qual me constituí professora de Biologia no meu primeiro curso de graduação muitos anos atrás, e como estou me constituindo agora como futura professora de Artes Visuais. Os campos de conhecimento são muito diversos sim, mas sabe D.D.... estudar e se apropriar dos chamados "conteúdos disciplinares" (as "matérias" dos currículos da escola, como a Biologia, Artes Visuais, Matemática, Geografia etc.) constitui apenas uma parte do "tornar-se professor/a". Vc vai ter contato, ao longo da Licenciatura, com muitos autores e autoras que discutem, entre outros aspectos, a variedade e complexidade dos saberes docentes, que dizem respeito a tudo que o profissional da educação observa, analisa e reflete sobre a sua própria prática pedagógica. É um contínuo processo de aprender/refletir/educar-se/formar-se/transformar-se, que na Licenciatura apenas se inicia (como etapa de formação inicial) e que se estenderá por toda a sua vida D.D., como profissional docente.

Dito isto, conto um pouco do que experienciei nos quatro estágios curriculares supervisionados do nosso curso, necessários (entre outras disciplinas das áreas pedagógicas) para a integralização curricular que nos concede o grau de Licenciado/a.

Necessário lhe lembrar que, na minha vida "anterior" como professora universitária, eu sempre havia atuado com alunes jovens, recém egressos do Ensino Médio e dos vestibulares e, também, ao longo dos anos, com uma crescente presença de adultes mais maduros em sala de aula (em alguns casos, inclusive, no início da minha carreira, bem mais velhos do que eu). Então um

primeiro desafio que me esperava foi a atuação junto a crianças e adolescentes, já que o ensino de Artes Visuais, segundo a atual legislação brasileira, estende-se da Educação Infantil até o Ensino Médio.

Como estamos falando sinceramente entre amigas, posso lhe confessar o meu receio e insegurança a cada momento de entrar nas salas de aula com os/as colegas parceiros de estágio, e ter como alunes essas jovens pessoas!

Por mais que os planejamentos estivessem bem feitos, por mais que os/as professore/as supervisores e regentes estivessem sempre disponíveis para nos apoiar, por melhores que fossem as escolas que nos receberam como estagiários... na hora de iniciar as atuações sempre me deu muito "frio na barriga", D.D.! De que os planejamentos não funcionassem bem, de que os materiais que havíamos preparado com tanto cuidado não fossem bem recebidos pelos alunes, que não se conseguisse o temido "controle" da turma (pura fantasia, posso lhe assegurar!), ou que, simplesmente, sentíssemos aquele mal estar típico de iniciante, de que não estamos "dando conta do recado"...

Todos esses mal-estares D.D., são inevitáveis (eu acho), são até saudáveis (eu acho - pois nos incitam a superá-los) mas infelizmente foram potencializados (é o meu sentimento) por conta desses longos e difíceis meses da pandemia.

Somente o meu primeiro estágio, na Educação Infantil, ainda foi presencial, logo antes das medidas de isolamento e o agravamento do cenário epidemiológico e sanitário. Mal posso imaginar como seria atuar virtualmente como estagiária junto a crianças pequenas, nas faixas etárias em que a sensorialidade e materialidade das atividades em Artes Visuais são indispensáveis.

Nos meus três estágios seguintes, incluindo o que estou finalizando neste semestre letivo, as interações com os alunes foram todas feitas na virtualidade. A sala de Artes da escola (no caso dos meus estágios II e III, no Colégio de Aplicação da UFSC, que possui um lindo espaço próprio) literalmente virou uma ficção (ou uma miragem? ou uma memória distante?), substituída que foi por sequências de janelinhas/quadradinhos nas telas – do/as estagiário/as, dos professore/as regentes e de alunes, a maioria deles com câmeras fechadas a maior parte do tempo. As aulas (chamamos de atuações) aconteceram sim; os planejamentos foram executados, pois já haviam sido adaptados para o "novo normal"; houve retornos positivos dos alunes, em especial no Estágio III (séries finais do Ensino Fundamental) no qual eu e meu parceiro trabalhamos online a construção de livros de artista, com materiais que os estudantes tivessem disponíveis nas suas casas. Foi cada trabalho lindo, D.D. - vc precisava ver esses adolescentes expressando, através das Artes, suas emoções, aflições e sentimentos contraditórios associados ao confinamento e isolamento !

Todas estas experiências geraram muitos debates interessantes e desafiadores e, sem dúvida, já marcam agora o meu próprio percurso (recém reiniciando) de (re)constituir-me como professora de Artes Visuais...

Mas sabe, D.D.? Ficou um resíduo de insatisfação, de tristeza, de incompletude... pelo que poderia ter sido e não foi. Pelo que perdemos, e que ainda precisaremos re-significar, no sentido individual e coletivo, por conta da necessidade de permanecermos todos esses longos meses entre quatro paredes, para preservar nossa saúde e a de todes que nos são importantes.

Olha, tenho a certeza de que esses assuntos renderiam muitas horas de conversa e de emoções entre nós!

Bora marcar um horário na telinha?

Só posso desejar, de coração, que quando chegar a sua vez de fazer os Estágios, já tenha sido retomado o ensino presencial regular – ou, sendo bem realista, qualquer nova modalidade que venha a surgir, mas que garanta um mínimo daquilo que sentimos tanta falta - os abraços, o "olho no olho", os "bom dia" na entrada das salas de aula, a algazarra das crianças, o cheiro das tintas, da argila e dos ateliês, e por aí vai...

Encerro por aqui, agradecendo de coração a sua confiança em me tornar sua interlocutora (adorei!), e pela oportunidade de poder compartilhar sentimentos tão intensos, que fazem parte da nossa escolha e desejo de nos constituirmos como professoras de Artes Visuais.

Um beijo virtual (ainda...) com muito carinho,

V.

DE: Léo Budziarek Eslabão

Léo Budziarek Eslabão, artista não-binárie, 1994.

1ª carta.

Bom dia, professor. Eu sou o Léo. Gostaria de te conhecer, saber do teu percurso e do teu trabalho com arte e educação. Assim, espero compreender melhor as minhas próprias inquietações e inseguranças. Faz cinco anos que estudo artes visuais no ensino superior - primeiro cursei o bacharelado e agora estou cursando licenciatura. Em breve deixarei esse lugar de estudante para assumir um lugar de professor de arte. Contudo, essa travessia me preocupa; constantemente me questiono: quando estarei pronto? Além disso, a incerteza quanto ao futuro da educação pública no país me desestabiliza e por vezes desanima [...] Sem perder as esperanças, desejo ser professor e espero poder trabalhar em uma escola pública que garanta os direitos de todos os profissionais envolvidos nela, também dos estudantes [...] Já me imagino na escola: afetando e sendo afetado por ela. Então, professor, vou te fazer algumas perguntas, sinta-se à vontade para respondê-las da forma que quiser. Agradeço, desde já, a leitura e a resposta.

O que é um professor de arte? Para que serve? Por que você escolheu essa profissão? Como foi a sua passagem de aluno para professor? Você criou expectativas antes e durante a docência? O professor pode errar? Qual foi sua primeira impressão da escola e da sala de aula? Quais as suas impressões hoje? Você consegue ser um professor de arte, ao mesmo tempo, ser artista? Há alguma relação entre o seu fazer artístico e a sua prática pedagógica?

Nota para um futuro professor:_____(complete a lacuna).

Léo Budziarek Eslabão
Florianópolis, 5 de agosto de 2020

DE: Carolina Benke Bandeira

Carolina Benke Bandeira, grande entusiasta dos anos iniciais do Ensino Fundamental, gaúcha de Erechim-RS.

Erechim, 05 de Agosto de 2021.

Querida professora A.,

Olá profe (a gente nunca para de chamar nossos professores assim, né?) como você está? Acho que você provavelmente não se lembrará de mim, mas saiba que se estou lhe escrevendo essa carta hoje é por que nunca me esqueci de você e de suas aulas.

Já faz alguns anos que você me deu aula, no primeiro ano do Ensino Médio, em 2017 no Mantovani; hoje estou cursando licenciatura em Artes Visuais, porque anos atrás suas aulas despertaram algo em mim, um sonho, o gosto pela Arte. Confesso que muito me alegraria se um dia eu inspirasse alunos do modo como você me inspirou.

Eu sempre fui muito quieta nas aulas, nunca levantei a mão, nunca abri a boca... por isso os professores nunca se lembram de mim, mas eu nunca esqueço daqueles que me inspiraram e me mostraram o caminho.

Sei que você já passou por onde estou hoje, por isso resolvi compartilhar com você meus anseios, medos e desejos nessa fase. Espero não estar tomando seu tempo com isso, mas eu ficaria grata se você pudesse me dar alguns conselhos.

Agora, iniciando minha formação, eu penso constantemente em como cativar os alunos, será que serei uma boa professora? É impossível fazer com que todos gostem de Arte, mas poderei fazer todos se apaixonarem pelas minhas aulas?

Você também possuía essas inseguranças? Como lidava com elas? Qual o melhor jeito de perceber o que funciona e o que não funciona com cada grupo? São muitos questionamentos e sei que muitas das respostas só encontrarei dentro da sala de aula.

Você se lembra que tipo de professora queria ser no início da formação? Acredito que todos estabelecemos essa expectativa como nosso ponto de partida. Por vezes, somos surpreendidos ao percebermos o que nos tornamos. O fato é que sempre buscamos dar nosso melhor, não é mesmo? Porém, às vezes isso não é o suficiente, como lidar com a frustração nesses casos?

Confesso que não lembro muito dos trabalhos que tive no Ensino Médio, mas lembro vividamente de pelo menos quatro dos que você nos propôs em aula. Lembro de uma apresentação que fiz sobre o Van Gogh, daquela em que tivemos que buscar um monumento da cidade para apresentar, daquela em que cantamos “Pra não dizer que não falei das flores”, do Geraldo Vandré e um desenho que ainda guardo na gaveta, pois foi a primeira vez que me expressei de verdade em uma folha de papel.

Enfim, só posso agradecer por esses momentos e descobertas, como professora acredito que você gostaria de saber que fez a diferença em minha caminhada e imortalizou em minha memória muitas lembranças. Sei que Artes não era sua área de formação, mas suas aulas eram sempre inspiradoras e, por isso, muito obrigada por tudo!

Com carinho,

Carolina Benke Bandeira

Sobre as organizadoras

Tharciana Goulart da Silva

Doutora (2022) e Mestre (2017) em Ensino das Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/UDESC), graduada no curso de Licenciatura em Artes Visuais da UDESC (2015). É membro dos grupos de pesquisa "Entre Paisagens" (UDESC/CNPq) e "Experiências e Dissidências nas Artes Visuais" (UNIFAP/CNPq). É integrante da equipe editorial da Revista Apotheke (UDESC/PPGAV) e atua como professora adjunta no Centro de Artes, Design e Moda da UDESC, no curso de Licenciatura em Artes Visuais. Realiza pesquisas sobre Processos Fotográficos Históricos, coleções de professores artistas, a/r/tografia e Estágio Curricular Supervisionado.

Ligia Cristina de Brito

Bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e graduanda em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atua como professora de História no Ensino Básico pelo Centro de Educação de Jovens e Adultos de Florianópolis (CEJA) em espaços de privação de liberdade. Pesquisa a produção de mecanismos de aprendizagem em diferentes estratégias e contextos, visando propor encontros que desviem das maneiras naturalizadas de conceber coletividades na contemporaneidade. Tem voltado seus interesses para reflexões em torno das relações entre corpo, espaço, memória e tempo.

CARTAS A UM/A
PROFESSOR/A

UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA

ABEU
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

ISBN: 978-65-88565-76-6